



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

Narah Paula da Silva Soares

**MIGRAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO PARAENSE
PARA FLORIANÓPOLIS E SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES**

Florianópolis

2023

Narah Paula da Silva Soares

**MIGRAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO PARAENSE
PARA FLORIANÓPOLIS E SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Departamento de Serviço Social do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social

Orientadora: Prof.a Dra. Maria Regina de Ávila Moreira.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Soares, Narah Paula da Silva

Migração da força de trabalho paraense para Florianópolis
e suas múltiplas dimensões / Narah Paula da Silva Soares ;
orientador, Maria Regina de Ávila Moreira, 2023.
76 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro
Socioeconômico, Graduação em Serviço Social, Florianópolis,
2023.

Inclui referências.

1. Serviço Social. 2. Migrações Internas; Desigualdades
Regionais; Força de Trabalho Móvel; Paraenses.. I. Moreira,
Maria Regina de Ávila. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Graduação em Serviço Social. III. Título.

Narah Paula da Silva Soares

MIGRAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO PARAENSE PARA FLORIANÓPOLIS E SUAS MÚLTIPLAS DIMENSÕES

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Serviço Social.

Florianópolis, 29 de novembro de 2023.



Documento assinado digitalmente

Heloisa Teles

Data: 01/12/2023 16:33:36-0300

CPF: ***.314.250-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.^a Dr.^a Heloísa Teles
Coordenadora do Curso

Banca examinadora



Documento assinado digitalmente

MARIA REGINA DE AVILA MOREIRA

Data: 01/12/2023 09:47:07-0300

CPF: ***.501.917-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.^a Dr.^a Maria Regina de Avila Moreira Dra.^a - Orientadora
Departamento de Serviço Social/ Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente

Maria Teresa dos Santos

Data: 01/12/2023 15:08:16-0300

CPF: ***.459.218-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.^a Dr.^a Maria Teresa dos Santos - Avaliadora
Departamento de Serviço Social/ Universidade Federal de Santa Catarina



Documento assinado digitalmente

REGINA CELIA DA SILVA SUENES

Data: 01/12/2023 13:00:24-0300

CPF: ***.816.809-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Regina Celia da Silva Suenes - Avaliadora
Assistente Social

Florianópolis, 2023.

Dedico este trabalho a todos os migrantes paraenses que vivem no Sul do Brasil, desejo fortemente que seus sonhos sejam alcançados!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a força divina por guiar meus passos ao longo da vida.

Às minhas filhas Jordana e Julia e ao meu filho Victor, por serem a fonte de amor e inspiração em tudo que faço e pela imensa contribuição para a realização deste trabalho.

À minha mãe, Nazaré, por suas orações, palavras de apoio e conforto durante esse período envolto em tantas turbulências.

À minha querida família materna, mesmo estando distante, agradeço por todo significado e importância, em particular às mulheres fortes que fizeram parte da construção do meu caráter e da minha identidade.

À(ao)s querida(o)s amiga(o)s, Jaci, Jaciléia, Janer, Janete, Jayne, Joel e Marta, vocês são uma extensão da minha família. Obrigada pelo suporte e incentivo, especialmente neste momento crucial.

À(ao)s amiga(o)s que a vida me presenteou, Patrick, Betto, Vitória, Priscila, Gabrielly e Lúcia. Muito obrigada pela amizade e amparo nessa luta.

Ao querido amigo Justino, pelo constante apoio nos momentos de desespero. Suas palavras incentivadoras me mostraram que as dificuldades podem ser superadas com serenidade e paciência.

À(ao)s colegas de curso, em especial, Daniele, Laura, Matheus, Dianifer, Adriane, Antônio e Simone, pelo companheirismo e amizade valiosos durante nossa trajetória acadêmica, por vezes caótica! Contar com a cumplicidade e afeto de cada um trouxe leveza e motivação para seguir em frente. Amigos que levarei para toda a vida.

Aos professores do departamento de Serviço Social, em especial à professora Maria Teresa, por suas orientações e contribuições desde o início até a conclusão desta etapa.

À banca examinadora, por aceitar contribuir com este trabalho e com o meu desenvolvimento pessoal e acadêmico.

À equipe da Diretoria de Direitos Humanos, em especial, Maicon, Myriane e Regina, toda(o)/(e)s estagiária(o)/(e)s e a toda(o)s que passaram por lá nos três semestres de estágio obrigatório realizados, por seu acolhimento, amizade e colaboração.

À professora Maria Regina, quero manifestar meu especial agradecimento por ter prontamente acolhido esta proposta de trabalho e por conduzi-la com paciência e comprometimento. Sua influência foi fundamental para minha jornada no serviço social; é difícil expressar o quão grata estou por encerrar este ciclo sob sua orientação, sempre tão humana e inspiradora. Suas palavras foram o impulso determinante para a conclusão deste curso.

Demonstrar agradecimento me fez reconhecer que contei com a presença de muitas pessoas incríveis e essenciais ao longo deste desafiador processo de crescimento, lembrando a maior lição que aprendi no curso de serviço social: somente a luta coletiva gera transformações! Por isso, minha profunda gratidão a toda(o)/(e)s que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, marcando uma fase tão importante da minha vida.

Eu sou, eu sou o que sobrou
Sou todo o resto do que roubaram
Um povo escondido no topo
Minha pele é de couro, por isso aguenta qualquer clima

Eu sou uma fábrica de fumaça
Mão de obra camponesa, para o seu consumo
Frente fria no meio de verão
O amor nos tempos de cólera, meu irmão

Eu sou o Sol que nasce e o dia que morre
Com os melhores pores do Sol
Sou o desenvolvimento em carne viva
Um discurso político sem saliva
[...] Sou o que meu pai me ensinou
Aquele que não ama sua pátria, não ama sua mãe
Sou América Latina
Um povo sem pernas, mas que caminha, ei!
[...] (Vamos caminhando) aqui estamos de pé!
América Latina (Calle 13)/ Tradução.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) investigou a migração de trabalhadora(e)s do Pará para Santa Catarina, especificamente para a área da Grande Florianópolis. A migração é um fenômeno social cujas explicações se amparam na formação sócio histórica brasileira e que assume particularidades na contemporaneidade. Assim, o objetivo geral foi o de responder sobre quais os fatores incentivaram o deslocamento de paraenses para o Sul do Brasil. Para tanto, a metodologia foi de caráter qualitativo, por meio tanto de estudos acerca do tema, como documentos e, ainda, com a coleta empírica de depoimentos de paraenses que migraram. A partir de uma análise mais abrangente dos aspectos sociais e econômicos que têm historicamente influenciado as migrações internas, relacionou-se às disparidades regionais no contexto do desenvolvimento tardio do capitalismo brasileiro. Nessa perspectiva, expressões latentes da questão social como a pobreza, a violência e o desemprego despontam como principais motivadores daqueles que deixam a região Norte em busca de oportunidade de emprego e melhores condições de vida na região Sul.

Palavras-chave: Migrações Internas; Desigualdades Regionais; Força de Trabalho Móvel; Capitalismo; Paraenses.

ABSTRACT

Este Trabajo de Terminación de Curso (TCC) investigó la migración de trabajadores de Pará para Santa Catarina, específicamente para el área del Gran Florianópolis. La migración es un fenómeno social cuyas explicaciones se basan en la formación sociohistórica brasileña y que adquiere particularidades en la época contemporánea. Así, el objetivo general fue responder qué factores alentaron el movimiento de personas desde Pará hacia el sur de Brasil. Para ello, la metodología fue de carácter cualitativo, a través tanto de estudios sobre el tema y de documentos, como también a través de la recolección empírica de testimonios de paraenses que migraron. A partir de un análisis más completo de los aspectos sociales y económicos que históricamente han influido en la migración interna, se relacionó con las disparidades regionales en el contexto del desarrollo tardío del capitalismo brasileño. Desde esta perspectiva, expresiones latentes de problemáticas sociales como la pobreza, la violencia y el desempleo emergen como los principales motivadores de quienes abandonan la región Norte en busca de oportunidades de empleo y mejores condiciones de vida en la región Sur.

Palabras clave: Migraciones Internas; Desigualdades Regionales; Fuerza laboral móvil; Capitalismo; Paraenses.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Mapa com porcentagem de aglomerados subnormais em Belém 43
- Figura 2 – Mapa que indica as capitais que mais apareceram nos indicadores negativos avaliados 44
- Figura 3 – Mapa de distribuição da população por grandes regiões, segundo cor ou raça 53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos - Custo e variação da cesta básica em 17 capitais/ Brasil - setembro de 2023 63

LISTA DE SIGLAS

CAGED	CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS
DATASUS	DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE
DIEESE	DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS
FIPE	FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
IDHM	ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO
IPEA	INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA
PCS	PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS
PNAD	PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS
UFPA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
UFSC	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 DESIGUALDADES REGIONAIS NO BRASIL E MIGRAÇÕES INTERNAS: ENGRENAGEM QUE GARANTE E FORTALECE A EXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO NO CAPITALISMO	26
2.1 A MIGRAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO COMO ELEMENTO ESSENCIAL DA LÓGICA DE EXPANSÃO DO CAPITAL	27
2.2 ANÁLISE SOBRE OS PRINCIPAIS GERADORES DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNOS NO BRASIL A PARTIR DO SÉCULO XX	33
2.3 BREVE PANORAMA SOBRE O ESTADO DO PARÁ E SUAS PARTICULARIDADES HISTÓRICAS	39
3 CONSIDERAÇÕES DOS PARAENSES SOBRE OS MOTIVOS DA MIGRAÇÃO PARA FLORIANÓPOLIS	47
3.1 EMPREGO E MELHORES SALÁRIOS	48
3.2 SENSAÇÃO DE SEGURANÇA	55
3.3 CUSTO DE VIDA ALTO E AS DIFICULDADES EM FLORIANÓPOLIS	59
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICE A	73
APÊNDICE B	74

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como centralidade o tema da migração interna no Brasil e o debate sobre as causas que levam na atualidade muita(o)s trabalhadora(e)s naturais do estado do Pará, região Norte do Brasil (tanto da capital, quanto de cidades do interior) a escolherem a região Sul, com recorte para a região da Grande Florianópolis, como destino para trabalhar e viver.

O enfoque principal trata a migração interna como uma consequência social historicamente condicionada ao saldo de transformações globais potencializadas pelo capitalismo tardio no Brasil, portanto, as desigualdades regionais são decorrência do remoto passado colonial que negligenciou um desenvolvimento endógeno e articulado entre as regiões brasileiras.

Embora a migração historicamente faça parte da vida humana, é sempre permeada de implicações que causam mudanças profundas tanto ao indivíduo que se desloca, quanto ao local de destino. Para Ianni (1989), vista assim em perspectiva histórica ampla, a sociedade em movimento se apresenta como uma vasta fábrica das desigualdades e antagonismos que constituem a questão social. Singer (1990) defende que convém sempre distinguir os motivos (individuais) para migrar das causas (estruturais) da migração, nessa perspectiva, quando o deslocamento em massa de um determinado perfil populacional acontece expressivamente é sinal de que algo está ocorrendo e gerando transformações na história das sociedades, sobretudo quando as questões econômicas são as grandes determinantes e atingem impiedosamente aqueles despossuídos e fragilizados na estrutura de classes que o Brasil como país dependente desenvolve de forma cada vez mais desigual. De acordo com Gonçalves (2001), não podemos desconhecer as mútuas implicações entre o fenômeno das migrações e a espiral de empobrecimento por que passa a sociedade brasileira nos dias atuais.

É importante observar que os movimentos migratórios internos são influenciados por uma série de fatores socioeconômicos, políticos e culturais, e as dinâmicas variam de uma região para outra. A busca por oportunidades econômicas e a redução das disparidades regionais são impulsionadores significativos das migrações no Brasil, e esses padrões continuarão a evoluir à medida que a economia e a sociedade brasileira se desenvolverem, segundo Mioto (2008, p.11):

De modo geral, esses movimentos são decorrentes da desigualdade entre regiões e, segundo Santos (2003), são uma expressão espacial dos mecanismos de modernização que se reflete frequentemente na urbanização, na favelização e na segregação do espaço – principalmente nos países da periferia do capitalismo. Este processo, como sabemos, ocorre sob a égide do modo de produção capitalista e, obviamente, é condicionado pela acumulação de capital. Estudar os movimentos migratórios é, portanto, buscar entender a produção/reprodução da sociedade no tempo e no espaço.

Nesse sentido, tanto o desemprego quanto a escalada da violência que afetam a região Norte nas últimas décadas coexistem em uma relação simbiótica e são partes desse processo de intensificação das expressões da questão social nas áreas consideradas “periféricas”, contribuindo para o crescimento do exército industrial de reserva e consequente expulsão de parte da(o)s trabalhadora(e)s paraenses desempregada(o)s para as regiões em desenvolvimento, como é o caso de Santa Catarina. Esse exército disponível é formado principalmente por jovens e pessoas com baixa escolaridade que possuem apenas sua força de trabalho para sobreviver, arriscando-se com todas as incertezas que a mudança para um estado tão distante e diferente do seu infligem.

A motivação para desenvolver este trabalho é também de ordem pessoal. Como pessoa nascida no Pará enfrento os desafios inerentes à condição de migrante em Florianópolis, cidade com hábitos e uma dinâmica urbana completamente distintos dos que eu estava habituada em Belém do Pará. Trabalhar em subempregos, lidar com custos de aluguel elevados e sobreviver com recursos limitados, somados à necessidade de me adaptar a diferenças culturais, como alimentação e às discriminações que surgem em determinadas situações por sermos originários do Norte do Brasil e migrarmos para ocupar vagas de emprego disponíveis, são apenas alguns dos obstáculos enfrentados pela população migrante do Norte, impactando diretamente nossa vida diária e relações interpessoais. Por isso, sinto-me realizada por conduzir esta investigação e, principalmente, por redigir este trabalho.

Em junho de 2015, quando decidi buscar oportunidades no Sul do Brasil, desconhecia que essa jornada era compartilhada por muitos paraenses. Ao ingressar no mercado de trabalho constatei que a maioria dos trabalhadores em supermercados (trabalhei como operadora de caixa em duas grandes redes de Florianópolis) vinha das regiões Norte e Nordeste. Naquele momento, observava e

refletia sobre todos os casos de colegas de trabalho oriundos do estado do Pará e de como nossas histórias de vida eram semelhantes: baixa escolaridade, origens familiares modestas, desemprego, falta de perspectiva e a consciência de que nosso estado tem problemas graves que desmotivam a permanência no mesmo, principalmente no que tange a escalada da violência, tanto urbana quanto das cidades pequenas do interior, além do crescente desemprego e a intensa precarização na estrutura dos sistemas de transporte, educação e saúde.

Foi somente ao ingressar no curso de serviço social na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e me aprofundar em questões sociais oriundas das desigualdades históricas fomentadas pelo sistema capitalista, que encontrei o ponto de partida para analisar os fatores que influenciam o fenômeno da migração de paraenses para Florianópolis. Comecei a compreender como a força de trabalho de migrantes provenientes de áreas empobrecidas está diretamente conectada a um sistema nefasto em busca de acumulação desenfreada, compondo uma rede de mazelas políticas retroalimentadas por desigualdades que favorecem uma região em detrimento de outras.

A migração de paraenses para Santa Catarina é um fenômeno observado com maior intensidade a partir do século XXI, especialmente nos últimos dez anos. Atualmente não existe estatística oficial, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) elabora a cada 10 anos um estudo sobre migrações internas com base em dados do censo. As informações do censo de 2010 sobre a situação migratória em Santa Catarina¹ apontavam 2.220 pessoas originárias da região Norte vivendo em Florianópolis, sendo 904 do sexo masculino e 1.237 do sexo feminino. Já o Censo 2020 foi adiado para 2022 devido a pandemia de Covid-19 e, até a fase de elaboração desta pesquisa, o IBGE ainda não havia disponibilizado os dados atuais sobre a nova rota migratória entre o Pará e Santa Catarina. Ao entrar em contato com o órgão recebi a informação de que os dados referentes à migração em todo o Brasil serão divulgados somente em 2024.

Diante da insuficiência de dados quantitativos que comprovem o aumento da migração paraense em Florianópolis na última década, ressalto como informação relevante para contribuir na discussão o recente resultado divulgado a partir do último Censo 2022 do IBGE, no qual a capital se destacou na região Sul como a

¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/pesquisa/23/24007>.

que apresentou maior alta da população em 12 anos, houve o crescimento de 27,53% na comparação com o levantamento de 2010. São 537.213 habitantes, o que representa um aumento surpreendente de 115.973 pessoas em relação ao censo anterior, elevando a capital catarinense a sétima cidade do país que mais cresceu em números absolutos de novos habitantes.

Nessa perspectiva, a constatação de que expandiu a quantidade de migrantes paraenses na cidade de Florianópolis nos últimos anos se dá através de evidências empíricas, uma vez que nas relações cotidianas tornou-se recorrente a interação com esses conterrâneos em diversos espaços de Florianópolis, especialmente em postos de trabalho da área de comércio e serviço, onde é frequente encontrar paraenses que assim como eu escolheram migrar para cá em busca dos mesmos objetivos de trabalho e qualidade de vida. Seguindo com os fatos comprovados através da observação da realidade acerca do aumento da migração nortista para o Sul do Brasil nos últimos anos, encontramos na internet um trabalho acadêmico realizado no ano de 2021 por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA) tratando do tema² e sites que abordam o fenômeno³, inclusive com exemplos de trabalhadores atraídos pelas oportunidades no mercado de trabalho que contam suas expectativas em relação à busca de bem-estar e melhores salários no Sul do Brasil, além de grupos em redes sociais como Facebook, Instagram⁴ e Whatsapp, criados especificamente com o objetivo de conectar os migrantes paraenses. Nestes espaços são publicadas vagas de emprego, a venda de produtos típicos da culinária nortista, ofertas de ônibus que fazem o transporte até o estado de Santa Catarina, além de promoções de eventos festivos com os ritmos culturais do Pará em solo catarinense.

² **População em deslocamento: a força de trabalho paraense em Santa Catarina.** A pesquisa mostra a incisiva presença de trabalhadores paraenses migrando para o estado de Santa Catarina. O objetivo foi compreender o fenômeno migratório por trabalho. A partir de pesquisa bibliográfica, entrevista com famílias de migrantes e aplicação de formulário com pessoas deslocadas para Santa Catarina, verificou-se a migração por trabalho como um mecanismo dramático de superar o desemprego.

³ <https://ver-o-fato.com.br/destino-de-muitos-paraenses-santa-catarina-e-destaque-na-geracao-de-empr egos-no-pais/>

⁴ A Associação Paraense em Floripa e Região - ASSOMPA, divulga diariamente vagas de emprego na Região Metropolitana de Florianópolis aos paraenses que residem na cidade, por meio de página no Instagram e grupo no Whatsapp.

A pesquisa se mostra importante para o Serviço Social na medida que as transformações que surgem tanto para o indivíduo que chega, quanto para as cidades anfitriãs, apontam a necessidade de luta pela ampliação e reformulação das políticas públicas nas áreas da saúde, educação, moradia, dentre outras que supram as demandas da população nativa e dos novos moradores advindos de outras regiões brasileiras, modificando em vários âmbitos a dinâmica da cidade de Florianópolis; o que requer conhecer o fenômeno em suas condições objetivas e subjetivas para atuar de forma ética, propositiva e atenta a esta realidade que é parte de um processo social multifacetado e em movimento contínuo de transformação na sociedade capitalista vigente.

A migração é um tema complexo e que deve ser interpretado muito além de uma escolha individual de sair de seu território em busca de melhores condições de vida, na verdade expressa particularidades de classe, gênero, etnia e religião e estão inscritos nas alterações da geopolítica mundial.

Por diversas razões, mas, principalmente, políticas e econômicas, esses indivíduos necessitam abandonar suas cidades de origem e se lançar em uma jornada perigosa e incerta, onde a maioria enfrenta situações de vulnerabilidade e, muitas vezes, na garantia de seus direitos. Nesse sentido, a atuação da política de Assistência Social é fundamental para intervir junto às demandas dessa população.

Posto isso, o objetivo deste trabalho é analisar criticamente as múltiplas dimensões que perpassam a migração de trabalhadora(e)s paraenses para Florianópolis e os aspectos socioeconômicos desses migrantes, além das implicações para a região Norte, por entender que condições favoráveis de vida ao trabalhador são essenciais para evitar uma saída forçada motivada por questões estruturais. Especificamente no contexto do Pará, a fuga causada pela violência que assola tanto a Região Metropolitana de Belém, capital do estado, quanto o interior, será um ponto considerável desta pesquisa. A partir dessa abordagem verificou-se que o alto índice de criminalidade em uma região é um problema intrinsecamente relacionado às questões econômicas, sociais e políticas que afetam a qualidade de vida tanto dos indivíduos quanto da sociedade local como um todo.

A região Norte, em geral, apresenta problemas estruturais que culminaram em problemáticas políticas e sociais graves, como a má gestão pública, insuficiência de oferta de trabalho, pobreza e extrema pobreza, avanço da criminalidade, dentre

outros problemas que são característicos de regiões vulneráveis onde a falta de oportunidades econômicas e o empobrecimento podem criar um ciclo vicioso. Com menos acesso à educação, trabalho, serviços de saúde e infraestrutura, muitos nortistas enfrentam dificuldades crescentes para melhorar suas condições e podem optar pela migração como uma forma de escapar desse ciclo. De acordo com Santos (2004):

As migrações – mesmo que não representem a vontade consciente dos interessados – podem ser interpretadas como se os pobres estivessem correndo atrás da mais-valia que lhes foi extraída, para forçar a economia a uma divisão menos iníqua. (Santos, 2004, p. 371).

Embora a mudança e a adaptação para o Sul do Brasil tragam consigo diversos desafios, a maioria dos migrantes paraenses enfrenta os altos e baixos de viver em Florianópolis, especialmente no que diz respeito à habitação e alimentação. Apesar da melhor infraestrutura e oferta de empregos em comparação com outras cidades do país, o custo de vida elevado frequentemente compromete a renda e impede que trabalhadora(e)s assalariados desfrutem plenamente dos supostos benefícios da "ilha da magia", como é popularmente chamada a cidade. De acordo com uma pesquisa realizada pelo DIEESE⁵ entre junho e julho deste ano, Florianópolis ficou em terceiro lugar entre as capitais brasileiras com o custo mais alto para a cesta básica, ficando atrás apenas de Porto Alegre e São Paulo. Quanto aos aluguéis, segundo dados do Índice FipeZAP+⁶ de Locação Residencial de junho de 2023, Florianópolis ocupava o terceiro lugar entre as 25 cidades brasileiras monitoradas com o maior aumento nos preços dos aluguéis nos últimos 12 meses.

A moradia desempenha um papel crucial na estabilidade e na qualidade de vida das pessoas. Por essa razão, a(o)s trabalhadora(e)s migrantes em Florianópolis se veem obrigada(o)s a destinar uma parte substancial de sua renda para garantir uma residência na cidade, buscando assim as condições desejadas para usufruir de uma vida digna na capital. Para muitos desses migrantes, o peso financeiro de

⁵ Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos Custo e variação da cesta básica em 17 capitais Brasil – julho de 2023.

⁶ O **Índice FipeZAP** acompanha os preços de imóveis residenciais e comerciais e é calculado pela Fipe com base em informações de anúncios de imóveis para venda e locação veiculados nos portais ZAP (VivaReal e Zap Imóveis). No caso dos índices do segmento residencial, o cálculo envolve amostras de anúncios de apartamentos prontos em até 50 cidades selecionadas.

custear aluguel e alimentação elevados é compensado pela percepção de segurança pública e pela superioridade da infraestrutura nos serviços de saúde, transporte e educação, dos quais dependem diariamente. Em 2019, um importante veículo de comunicação da capital veiculou a seguinte matéria: “Florianópolis abre as portas para realizar os sonhos de nortistas e nordestinos”⁷. O artigo apresenta várias histórias de migrantes vindos do Norte e Nordeste que encontraram oportunidades de emprego na cidade, principalmente em setores de serviços, como operador de caixa, garçom, auxiliar de cozinha, copeiro e estacionamento. Esses migrantes têm em comum características específicas, como baixo nível de educação formal, poucos registros de trabalho em suas carteiras e relatos sobre a violência em suas regiões de origem, o que contribui de modo incisivo para o desejo de permanecer em Santa Catarina.

Nesse contexto, é inegável que esses elementos influenciam as escolhas das pessoas para permanecerem em Florianópolis, mesmo assumindo subempregos e residindo em áreas periféricas mais centrais ou em regiões afastadas onde os custos de aluguel são mais baixos. Na prática, essas dinâmicas migratórias atuais se assemelham a estratégias já utilizadas em outros momentos e que marcaram a história do desenvolvimento das regiões brasileiras no país, especialmente a intensa migração nordestina para São Paulo entre os anos 50 e 70, impulsionadas majoritariamente por um sistema produtivo que se sustenta à custa dos sacrifícios de retirantes provenientes de regiões historicamente negligenciadas nos âmbitos social e estrutural.

Optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa fundada em dois procedimentos metodológicos complementares: revisão de literatura sobre migrações internas e como coleta empírica realizou-se entrevistas com quatro paraenses que vivem atualmente em Florianópolis, a maior parte possui formação escolar até o ensino médio, apenas uma entrevistada concluiu o ensino superior, dois destes entrevistados encontram-se empregados com carteira assinada, um está recebendo seguro desemprego e uma migrante está trabalhando em trabalhos esporádicos de serviços gerais de limpeza sem vínculo empregatício. No que tange

⁷ ND+, Florianópolis abre as portas para realizar os sonhos de nortistas e nordestinos, 30/03/2019. <https://ndmais.com.br/noticias/florianopolis-abre-as-portas-para-realizar-os-sonhos-de-nortistas-e-nordestinos/>

a moradia, três deles pagam aluguel de quarto e uma entrevistada possui casa própria localizada no Morro do 25, área periférica central com uma grande incidência de moradores originários do Pará.

De acordo com Minayo (2003), o objeto das Ciências Sociais é histórico e é, também, essencialmente qualitativo, portanto, por meio dos relatos dessa classe trabalhadora paraense, busco relacionar a intensa migração de trabalhadores da região Norte para a Grande Florianópolis enquanto dimensão do processo de acumulação capitalista e das expressões da “questão social” que dele resultam, em particular no mundo do trabalho. Como resultado desses acontecimentos, são observadas mudanças nas configurações sociais e econômicas que orientam o sistema capitalista global, resultando em reorganizações que afetam o nível de renda e o progresso social em diferentes regiões. Nesse sentido:

O fenômeno das migrações aparece, portanto, estreitamente ligado ao da organização da economia e do espaço, vistos de um ponto de vista dinâmico. Essas migrações são uma resposta a situações de desequilíbrio permanente e contribuem para agravar esses desequilíbrios econômicos e espaciais, geralmente em favor de zonas já evoluídas. (Santos, 2004, p. 306).

As entrevistas foram realizadas de forma presencial, com roteiro de perguntas previamente definido (apêndice A) e alguns questionamentos que surgiram como desdobramentos das questões trazidas pelos entrevistados, contudo, ainda relacionados ao assunto investigado. Foram estes apontamentos que forneceram os subsídios que permitiram apreender a complexidade deste fenômeno, os impactos sociais, culturais e econômicos, os pontos positivos e negativos de estar na capital, na visão dos migrantes e demais particularidades sobre a migração do Pará até Florianópolis em busca de melhores oportunidades de vida e trabalho.

As entrevistas foram gravadas por meio digital e com o prévio consentimento dos sujeitos (Apêndice B), a fim de que seja preservada com fidelidade a fala dos entrevistados, onde se encontra a manifestação fiel de suas emoções, anseios, opiniões, sentimentos e expectativas.

Para Gil (2008), a entrevista é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as Ciências Sociais e algumas razões fazem com que sejam intensamente utilizadas como metodologia, especialmente por possibilitar a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida

social, além de ser uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano. Souza (2012), defende que a pesquisa empírica crítica permite refletir acerca da gênese e do contexto dos fenômenos estudados, ela nunca é dominante, mas é com pesquisas desse tipo que mais aprendemos sobre o mundo como ele é.

É claro que a informação do entrevistado é fundamental. Mas ela tem que ser contextualizada para que percebamos os interesses – muitos deles “inconscientes” e “pré-reflexivos” – que produz precisamente aquele tipo de resposta. É um método muito mais trabalhoso e arriscado, mas é o único que pode efetivamente “desconstruir” a violência simbólica dos discursos dominantes e naturalizados e explicar a sutil introjeção e incorporação da dominação social e simbólica moderna. (Souza, 2012, p.371).

Com o subsídio da análise dos depoimentos realizados pela(o)s entrevistada(o)s e transcritos pela autora do trabalho, foram feitas as devidas considerações acerca dos relatos da(o)s migrantes nortistas, conjuntamente às abordagens teóricas levantadas ao longo da pesquisa.

Para exposição, o trabalho está dividido em quatro seções, com introdução, duas seções centrais e considerações finais. As duas seções centrais estão divididas a partir de categorias de itens e subitens que se interligam. A primeira tratando do fenômeno da migração interna e seus elementos constitutivos, uma vez que as teorias mais recentes sobre fenômenos migratórios trazem diversos enfoques sobre o tema, desse modo, realizou-se a busca de informações na literatura existente (revistas brasileiras e sites sobre os fluxos migratórios internos e desigualdades regionais no Brasil e em livros de autores que abordam a questão do trabalho precarizado e explorado no modo de produção capitalista). Para a análise das motivações de deslocamento utilizei referenciais de autores que são orientados pelo método crítico-dialético para problematizar o antagonismo entre capital e trabalho que constituem o sistema capitalista e os rebatimentos na questão migratória.

Na segunda seção, intitulada "Considerações dos paraenses sobre os motivos da migração para Florianópolis", analisou-se criticamente os relatos coletados de homens e mulheres do Pará que se deslocaram para Florianópolis em busca de trabalho e qualidade de vida. Foi dada ênfase aos principais motivadores por trás dessa mudança: o desemprego e o aumento da violência em suas regiões

de origem. Além disso, abordamos as dificuldades enfrentadas pelos migrantes em Florianópolis devido aos altos gastos com moradia e alimentação, os quais restringem a qualidade de vida e dificultam a busca pela estabilidade financeira desejada.

Em resumo, o propósito deste estudo é investigar a(o)s paraenses que se estabeleceram em Florianópolis, examinando as características distintas desse fenômeno migratório e, dessa forma, compreender as razões que os levaram a escolher a cidade como destino. Pretendemos analisar as motivações por trás desse deslocamento, os problemas que enfrentam, os desafios que surgiram e, por fim, avaliar criticamente como as ideias difundidas sobre o padrão de vida em Florianópolis, capital de Santa Catarina, não correspondem completamente às expectativas de muitos migrantes que chegam em busca de qualidade de vida e bons salários, conforme relatado pelos entrevistados.

2 DESIGUALDADES REGIONAIS NO BRASIL E MIGRAÇÕES INTERNAS: ENGRENAGEM QUE GARANTE E FORTALECE A EXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO NO CAPITALISMO.

Nesta seção, propõe-se identificar os fatores que impulsionam os fluxos migratórios internos no regime capitalista e a complexidade que o fenômeno migratório assumiu no século XXI. São muitos os autores que tratam do tema migração e com diversas perspectivas sobre as causas econômicas, sociais e políticas do fenômeno. Como o nosso intuito não é apresentar todas as migrações internas, para a discussão do presente trabalho adotei referenciais de autores como o economista Paul Singer, o geógrafo Milton Santos, os sociólogos Rosana Baeninger, José de Souza Martins e Octavio Ianni; dentre outros que analisam os fluxos migratórios internos sob a perspectiva do enfoque histórico-estruturalista, resultante da evolução do sistema capitalista nas sociedades, sobretudo no que diz respeito aos aspectos econômicos e políticos. Desse modo, as migrações estão diretamente relacionadas à expansão física do capital e das contradições no âmbito das relações sociais de produção.

Importante ressaltar que a disparidade na estrutura que emerge durante a formação das sociedades capitalistas centrais e periféricas resultou na industrialização tardia de ex-colônias como o Brasil e nos condicionou para formas peculiares de fluxos migratórios. Questões como desigualdade, pobreza e a violência urbana agravadas no Estado do Pará ganham particular relevância e constituem de forma síncrona, causa e efeito dos problemas estruturais do país.

Segundo a perspectiva marxista, as migrações são resultado de um processo contraditório de produção e reprodução na totalidade da vida social no capitalismo, em que determinados grupos se movem em resposta a mudanças determinadas nas conjunturas e condições econômicas, sociais, culturais e políticas. Singer (1990, p.51), um dos principais representantes dessa linha teórica, afirma que:

[...] a migração interna é um processo social, deve-se supor que ele tenha causas estruturais que impelem determinados grupos a se pôr em movimento. Estas causas são quase sempre de fundo econômico – deslocamento de atividades no espaço crescimento diferencial da atividade em lugares distintos e assim por diante – e atingem os grupos que compõem a estrutura social do lugar de origem de um modo diferenciado.

Com base nisso, nossa intenção é identificar os fatores que motivam a(o)s trabalhadora(e)s paraenses a deixar suas cidades de origem e o que a(o)s atrai para Santa Catarina, como será evidenciado posteriormente.

2.1 A MIGRAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO COMO ELEMENTO ESSENCIAL DA LÓGICA DE EXPANSÃO DO CAPITAL.

Desde os tempos mais remotos, as migrações de indivíduos ou grupos sociais têm sido uma constante ao longo da história humana. Nos séculos XVI e XVII, o comércio e o mercado europeus inauguram o que vem a ser a história moderna do capital. Com a época do domínio territorial marcado pelo mercantilismo e colonialismo, à medida que as fronteiras dos estados mercantilistas e da Igreja se expandiam, diferentes grupos foram forçados a entrar em deslocamento como consequência dos efeitos perversos de um sistema que favorece os ricos e aniquila o resto da humanidade, provocando um impacto profundo não apenas nas culturas, especialmente as indígenas, mas também nas sociedades colonizadas. As estratégias mercantilistas garantiram as bases e fortaleceram esse sistema econômico mundial que até os dias atuais controla tudo e todos, impondo transformações desfavoráveis nas relações concretas de produção e reprodução social, especialmente da classe trabalhadora, que através da sua força de trabalho e único bem garante a acumulação sem limite da elite hegemônica e detentora dos meios de produção.

É importante entender os processos migratórios no capitalismo enquanto expressão de uma crescente sujeição do trabalho ao capital, à medida em que a constituição do capitalismo possibilitou a transformação do trabalho em mercadoria, ou seja, a força de trabalho passou a ter uma das qualidades de maior interesse dos patrões: a capacidade de ser móvel, espacialmente ou socialmente, para atender à produção de mais-valia. Para Martins (2012), é próprio da sociedade capitalista o desenraizamento, a destruição das relações sociais tradicionais, causando a exclusão das pessoas em relação aquilo que elas eram e aquilo que elas estavam acostumadas a ser.

O que faz o capitalismo, ao desenraizar as pessoas, é transformá-las em proprietárias de uma única coisa: a sua força de trabalho. [...] É reduzi-lo à única coisa que interessa ao capitalismo, que é a condição de vendedor de força de trabalho. Se alguém vai comprar essa força de trabalho, já é outra história. Mas ele passa a ser um potencial vendedor de força de trabalho, a ser um trabalhador à procura de trabalho. (Martins, 2012, p. 121)

Segundo Antunes (2018, p. 76), em sua obra “O privilégio da servidão”, observa-se que adentramos em uma nova era de precarização do trabalho, impulsionada pela crise estrutural do sistema capitalista, pelo advento do neoliberalismo e pelo comando do capital financeiro, que fizeram emergir um proletariado muito mais explorado em pleno coração do capitalismo e cujos exemplos destacamos:

1. a erosão do trabalho contratado e regulamentado, dominante no século XX, e sua substituição pelas diversas formas de trabalho atípico, precarizado e “voluntário”;
2. a criação das “falsas” cooperativas, visando dilapidar ainda mais as condições de remuneração dos trabalhadores, solapando os seus direitos e aumentando os níveis de exploração da sua força de trabalho;
3. o “empreendedorismo”, que cada vez mais se configura como forma oculta de trabalho assalariado, fazendo proliferar as distintas formas de flexibilização salarial, de horário, funcional ou organizativa;
4. a degradação ainda mais intensa do trabalho imigrante em escala global.

Na contemporaneidade, as migrações tanto internacionais quanto internas, continuaram a desdobrar-se com suas múltiplas facetas e funções para adaptar-se à reestruturação capitalista e seus processos flexibilizados de acumulação, desempenhando um papel crucial na construção e evolução das nações e nos variados estágios de consolidação do domínio do capital sobre a força de trabalho. Estes processos migratórios se reconfiguram influenciados por graves desafios estruturais inerentes à manutenção de um sistema perversamente impulsionado por conceitos como lucro, posse da propriedade privada e a necessidade do exército industrial de reserva⁸, que tem transformado os países do capitalismo periférico e

⁸ O termo "exército industrial de reserva" foi criado por Karl Marx e Friedrich Engels em sua obra "O Manifesto Comunista". Essa teoria descreve a relação entre a oferta de mão de obra e a demanda por trabalho em uma economia capitalista. O "exército industrial de reserva" consiste em trabalhadores disponíveis para o emprego, mas que não estão atualmente empregados. Eles constituem uma reserva de mão de obra que os empregadores podem contratar quando a demanda por trabalho aumenta, assumindo o papel perverso na exploração dos trabalhadores e na manutenção de condições precárias no mercado de trabalho.

dependente em imensos reservatórios de força de trabalho barata e precária (Kreutz, 2021). De acordo com Trindade (2017), o exército industrial de reserva pode ser acionado a qualquer momento para ocupar alguma função no processo produtivo de mercadorias do capital, da mesma maneira que também pode ser descartado.

No livro *O Capital* (1989), Marx concentra seus esforços na análise das diferentes manifestações da superpopulação relativa ou exército industrial de reserva ao tratar sobre a Lei Geral da Acumulação Capitalista. Em seu processo de investigação, identifica três estratos nos quais essa superpopulação pode se manifestar, a saber:

- 1) Superpopulação flutuante, que engloba os trabalhadores de variados setores industriais que, em momentos distintos, são contratados ou dispensados do processo produtivo, dependendo das condições em constante evolução da acumulação de capital. Ou seja, esses trabalhadores estão empregados ou desempregados de acordo com as oscilações favoráveis ou desfavoráveis do sistema de acumulação capitalista.
- 2) Superpopulação latente, referindo-se aos trabalhadores rurais que, devido à penetração do modo de produção capitalista em áreas rurais, são pressionados a se deslocar para áreas urbanas, contribuindo para o crescimento das fileiras da classe trabalhadora nas cidades.
- 3) Superpopulação estagnada, abarcando aqueles trabalhadores que não conseguem encontrar oportunidades de emprego estáveis e, portanto, se veem obrigados a se engajar em uma série de ocupações temporárias na busca pela garantia de sua sobrevivência, proporcionando ao capital um depósito inesgotável de força de trabalho disponível.

Dialogando com o século vigente, o mesmo mecanismo de manutenção de força de trabalho reserva, minuciosamente estudada e descrita por Marx no século XIX, segue como prática central para a dinâmica de acumulação na fase atual do capitalismo financeiro:

Sob o sistema do capital, o trabalho vivo proletário é desempregado ou empregado. Isto é, caracteriza-se pela volubilidade. Ao tratar a superpopulação relativa de proletários como líquida, latente e estagnada, Marx explicitou a volubilidade do trabalho proletário. Mesmo em sua forma estagnada, a superpopulação relativa não deixa de ser volúvel, pois a ordem social do capital está em constante mudança. (Alves, 2007, p.103).

Nessa lógica, pessoas de regiões como o Norte e o Nordeste do Brasil, áreas detentoras de graves problemas estruturais como baixos salários e oportunidades limitadas de emprego, se veem obrigadas a migrar para zonas com economias mais desenvolvidas em busca de emprego que lhes garanta a sobrevivência. Esses migrantes muitas vezes vivem em condições limitantes de moradia, de ônus excessivo com aluguel e enfrentam extrema insegurança econômica; dinâmica propositalmente fomentada para garantir ao capitalismo a conservação de uma massa sobrando de trabalhadora(e)s dispostas a aceitar subempregos e trabalhos precarizados.

É importante salientar que as migrações ocupam parte importante nesse processo de incertezas no mundo do trabalho e permanecem como dialética predominante que impõe ao indivíduo a necessidade urgente de garantir os meios de subsistir, uma vez que no capitalismo não há chance para o trabalhador a não ser estar disponível às operações e padrões de acumulação impostos. Para (Kreutzer, p. 26, 2021), [...] em seu deslocamento espacial, setorial e profissional, a classe trabalhadora é impelida em direção aos circuitos de produção e circulação do capital para vender a sua força de trabalho, por não lhe restar outra saída para sobreviver, assim:

Os processos de acumulação e as transformações no mundo do trabalho engendram renovadas configurações societárias e trazem consigo um paradigma que ressalta a hiper mobilidade ou super mobilidade da vida, das coisas, do trabalho e do conhecimento. A hiper mobilidade exigida pela lógica do capital requer, ainda, a necessária e contínua circulação de mercadorias, sobretudo, a mercadoria força de trabalho. (Kreutz, 2021, p. 17).

Para Santos (p. 301, 2004), o fenômeno das migrações é um dos que deram lugar ao maior número de estudos em diferentes disciplinas; estudos empíricos e teóricos, qualitativos e quantitativos, mas, em geral, levando apenas a resultados de alcance limitado. Nas ciências sociais, a discussão teórica sobre os movimentos

populacionais e suas motivações é um campo abrangente e intrincado, sobretudo na atualidade, abarcando múltiplas perspectivas que buscam entender as causas que levam as pessoas a migrar, os meios pelos quais o fazem e as consequências dessas migrações. Pode-se argumentar que a diversidade de abordagens utilizadas para analisar esse fenômeno é resultado da sua natureza intrinsecamente heterogênea, portanto, as migrações são percebidas como um fenômeno multifacetado, manifestando-se de maneiras variadas e em decorrência de sua complexidade podem ter impactos significativos nas sociedades de origem e destino. Nessa perspectiva:

As pesquisas sobre migrações têm-se ocupado, em geral, com o problema da absorção do migrante pela economia e sociedade do lugar de destino. Como, no entanto, em geral não se considera a situação de classe do migrante, a sua situação de integração é analisada do ponto de vista individual, confrontando-se sua situação com a dos nativos em termos de ocupação, nível de renda etc. Desta maneira, perde-se de vista a função do processo migratório na constituição da sociedade de classes, produzida pelo desenvolvimento. (Singer, 1990, p. 55).

Segundo o ponto de vista de Paul Singer (1990), o caráter histórico das migrações está intrinsecamente vinculado à evolução de um processo global de mudanças profundas, uma vez que os deslocamentos parecem ser essencialmente um instrumento de reorganização espacial das atividades econômicas. Nesse sentido, Singer argumenta que a análise das migrações perde sua pertinência quando encarada como um movimento de indivíduos, uma vez que as vontades individuais livres e espontâneas não são fixas, mas sim sujeitas a mudanças ao longo do tempo que condicionam ou não tipos correspondentemente diferentes de fluxos migratórios. Mesmo que diversas influências tenham moldado os deslocamentos de pessoas ao longo de diferentes períodos e regiões, o que se vê na história é que estes movimentos populacionais estão profundamente ligados às variadas estruturas socioeconômicas, aos métodos de produção e à necessidade primordial da existência humana: a sobrevivência e a busca de meios para garanti-la por meio do trabalho. Nesse sentido, concordo com Kreutz (2021) ao afirmar que:

As exigências gerais da acumulação do capital têm a capacidade de exercer uma influência controladora hegemônica sobre a classe trabalhadora, tanto em relação à demanda de força de trabalho quanto em relação à oferta de postos de trabalho. Em sua contínua tendência para reestruturar a organização social e técnica do trabalho, quanto mais rápida a força de

trabalho pode ser deslocada de uma linha de produção para outra e de um local para outro, mais rapidamente a taxa de lucro é garantida e a acumulação é provida. (Kreutz, 2021, p.18).

O capitalismo em sua sanha e necessidade de captação do capital humano para manter-se cada vez mais fortalecido, lança mão de artimanhas ideológicas que o justifiquem como sistema econômico que permite a todos o avanço material por meio do trabalho duro e extenuante, justificando a necessidade dos deslocamentos da força de trabalho para áreas de expansão comercial e em potencial desenvolvimento. Por trás de um discurso perigoso e sedutor orientado pelo ideário neoliberal, orquestrou-se uma “racionalidade política”, conceito elaborado por Michel Foucault, onde assistimos a sociabilidade capitalista invadir e subjugar todas as esferas da vida social à sua lógica (Kreutz, 2021).

A ideia de um “sujeito liberal” cria um novo ator econômico, e por conseguinte identifica-se subjetivamente como uma empresa ou *empreendedor de si*, que é o princípio de conduta potencialmente universal mais essencial à ordem capitalista (Dardot e Laval, 2016). Para estes autores:

[...] a política neoliberal deve mudar o próprio homem. Numa economia em constante movimento, a adaptação é uma tarefa sempre atual para que se possa recriar uma harmonia entre a maneira como ele vive e pensa e as condicionantes econômicas às quais deve se submeter. (Dardot e Laval, 2016, p. 87).

Nessa perspectiva, longe de representar a liberdade para escolher “sair ou ficar” em seu local de origem e sem tempo para refletir sobre a própria existência, os sujeitos migrantes no Brasil do século XXI, com suas particularidades e urgências, também moldaram-se às regras de acordo com as necessidades da divisão do trabalho nestes tempos de aprofundamento das desigualdades econômicas e seus rebatimentos constrangedores à classe trabalhadora. Por esta razão, o deslocamento da força de trabalho ainda constitui-se como peça fundamental para a perpetuação da exploração na face contemporânea da barbárie capitalista. De acordo com Netto (2013), este é o perfil com que a sociedade tardo-burguesa se apresenta na abertura do século XXI. As transformações societárias, [...] configuram uma série de inequívocas vitórias do grande capital.

2.2 ANÁLISE SOBRE OS PRINCIPAIS GERADORES DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS INTERNOS NO BRASIL A PARTIR DO SÉCULO XX

Quando exploramos nossa história, é inegável que o fenômeno das migrações desempenham um papel essencial, ou seja, constituem um componente intrínseco da história do Brasil. Inicialmente ocorreu devido ao processo de colonização e na história mais recente, observamos que cada período econômico trouxe consigo um fluxo migratório específico.

No Brasil, considerando o processo de industrialização, modernização e urbanização no começo do século XX, ocorre a concentração de riqueza destinada aos proprietários dos recursos produtivos, resultando na perpetuação das disparidades regionais, que, de acordo com Singer (1990), pode ser encarada como o motor principal das migrações internas que acompanham a industrialização nos moldes capitalistas.

A partir de 1930 as migrações internas passaram a ter um papel central na reorganização geográfica da população. No período de 1940 a 1980 a cidade de São Paulo experimentou um significativo acúmulo populacional, um grande contingente de trabalhadores nordestinos migrou para a região em busca de trabalho, tornando-se um ponto central desse fenômeno demográfico. Certamente, diversos movimentos migratórios adicionais ocorreram nesse período, o ponto que desejamos enfatizar é que esse deslocamento de pessoas se tornou um marco na história das migrações internas. Singer (1990, p. 56) conclui que no Brasil estava em andamento um processo de metropolização resultante das migrações que ocorriam entre diferentes regiões e estados do país, no entanto, São Paulo estaria longe de parar de crescer, pois ela é o símbolo do epicentro do desenvolvimento capitalista brasileiro e mantém essa posição até os dias de hoje.

Verifica-se, deste modo, uma incipiente industrialização do Nordeste (e, talvez, no futuro, do Norte), sendo a propriedade das novas empresas detidas pelos capitalistas de São Paulo e de outras áreas de industrialização mais antiga. Quando as novas indústrias se tornaram lucrativas, o excedente gerado por elas tenderá a refluir para São Paulo, reforçando a acumulação do capital nesta área. Deste modo, o sistema criou mecanismos que permitem ao capital paulista explorar a força de trabalho nordestina sem precisar se deslocar de São Paulo. (Singer, 1990, p. 132-133).

No início da década de 80, enquanto algumas regiões não continuaram a atrair um grande fluxo de migrantes de forma acelerada, outras não apresentaram uma queda em sua população migrante. Conforme apontado por Singer (1990, p.78), a mecânica das migrações ainda permanece parcialmente desconhecida, mas é sabido que há uma interação entre migrantes antigos e recém-chegados, o que sustenta a continuidade e o crescimento dos fluxos migratórios, conferindo-lhes um determinado padrão de movimento. Baeninger (1998) aponta que a partir dos anos 80 os movimentos migratórios mudaram de direção, de composição e de sentido, hoje os fluxos migratórios envolvem também desde a classe média que quer se refugiar da poluição e violência.

No contexto do século XXI, é evidente uma redução na frequência de deslocamentos dentro do território brasileiro e de alterações nas dinâmicas destes fluxos que se desenvolvem concomitantemente com as necessidades da economia capitalista e à nova configuração do mercado de trabalho dos países chamados centrais e periféricos, permeada de contradições no âmbito das relações sociais de produção. Segundo Baeninger (2015):

A releitura do conceito de força de trabalho móvel pode ser contemplada como uma dimensão das migrações internas urbanas da atualidade. No contexto atual da reestruturação da economia em nível internacional e seus rebatimentos em âmbitos locais (Harvey, 1992), a força de trabalho móvel urbana tende a crescer, em especial em uma economia baseada nos serviços, com a fluidez também dos movimentos migratórios no atual processo de urbanização. (Baeninger, 2015, p.17).

Conforme informações do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) referentes a 2001, pela primeira vez, houve uma diminuição no fluxo de indivíduos migrando do Nordeste para o Sudeste, comparado ao movimento no sentido oposto. De acordo com Baeninger (2012), esse decréscimo, contudo, não implica em uma tendência à estagnação das migrações. Ao contrário, denota outros arranjos da própria migração interna, bem como seus atuais desdobramentos. Conforme a autora:

A industrialização do Sudeste induziu a densificação de fluxos migratórios rurais-urbanos, entretanto, estes já estiveram presentes na fase da sociedade primário-exportadora, porém, em outro tempo, em outro espaço, em outra escala. A recuperação do processo de constituição do fenômeno migratório (quer como tipo quer como modalidade) constitui caminho teórico-metodológico imprescindível para a compreensão do fenômeno social, suas especificidades, dimensões e análises da migração na atualidade e em seus espaços. (Baeninger, 2012, p. 32).

Segundo a mesma pesquisa, o IPEA indicou o estado de Santa Catarina como um vigoroso receptor de migrantes: 47,4 mil na média da década de 1990, subindo para 76,8 mil na média das PNADS de 2001 a 2005 e 89,9 mil na PNAD de 2006. Em relação a Santa Catarina, São Paulo não é um dos principais fornecedores de migrantes, perdendo para o Paraná e o Rio Grande do Sul. Importante ressaltar que, de acordo com os números do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), o setor de serviços se destacou como a área com as maiores oportunidades de emprego em Santa Catarina no primeiro bimestre de 2022. Em seguida, observaram-se os setores da indústria, construção e agropecuária. De acordo com o último Censo 2022 do IBGE:

A dinâmica espacial da população do Brasil no período 2010-2022 indica um padrão nacional generalizado de perdas e ganhos de população que, visto sob o ângulo das diferenciações regionais, estaduais e municipais, passa a adquirir aspectos distintos. Revela, também, a geografia das grandes manchas de crescimento da população constituídas pelos Municípios em torno da capital paulista, da capital catarinense e do litoral desse Estado, além daquelas em torno das capitais nordestinas. (IBGE).

Observa-se que a movimentação da população ainda segue padrões migratórios intensos, especialmente com Florianópolis, a capital do estado de Santa Catarina, despontando como uma das áreas mais atraentes para muita(o)s trabalhadora(e)s vindos do Norte e do Nordeste. Este padrão reitera uma situação já vivenciada décadas atrás, onde esses mesmos grupos oriundos dessas regiões específicas precisam se deslocar em busca de oportunidades, adaptando-se às demandas da economia capitalista e suas diversas influências. São as tendências atuais do século 21, redistribuídas em função da fluidez da inserção das localidades na divisão social do trabalho dentro e fora do país (Baeninger, 2015). Neste contexto, analisando os fluxos migratórios no período de 1991-2000 no Brasil, percebemos as principais redefinições :

[...] Mantiveram-se como área de absorção de fluxos de longa distância, os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal, que canalizaram os fluxos do Nordeste; 3) Houve a recuperação migratória no âmbito inter-regional de “espaços perdedores” no âmbito nacional, especialmente os estados nordestinos; 4) Houve o surgimento e consolidação de polos de absorção migratória no âmbito inter-regional e intra-regional, com a maior parte dos estados tornando-se “ganhadores” de população - mesmo que estes ganhos estejam circunscritos a contextos

regionais específicos, como é o caso de Santa Catarina (Baeninger, 2015, p.12).

É indispensável compreender as novas configurações existentes por trás dessa realidade. Norte e Nordeste são regiões atravessadas pelo aprofundamento das expressões da questão social ao longo do desenvolvimento do país, e tomam novos desdobramentos à medida em que o capitalismo, de forma cíclica, se reinventa a cada crise impondo saídas nada favoráveis ao mundo do trabalho e à classe trabalhadora, uma vez que afetam negativamente as condições de vida da população, particularmente em regiões que possuem maior população negra, como é o caso do Norte e Nordeste, provocando o aumento do desemprego, do subemprego, o agravamento da desigualdade de renda, agudização da pobreza, da fome, entre outros desafios.

Justamente em meio aos impactos dramáticos vivenciados sob a égide do capital, é que se destaca a intensificação e a complexidade das migrações, levantando questões essenciais sobre as causas profundas subjacentes e suas repercussões na sociedade. As migrações, via de regra, estão entrelaçadas com aspectos como raça, gênero, etnia, cultura, língua, religião, demografia e, principalmente, com os aspectos político-econômicos. São indivíduos compelidos a migrar e coagidos a permanecer disponíveis para serem aproveitados em diversas localidades e setores de produção. Assim, fica evidente que os fluxos e estoques de migrantes internos desempenham um papel fundamental na dinâmica de acumulação de capital, visto que esses deslocamentos populacionais se direcionam de áreas menos favorecidas para regiões mais economicamente bem-sucedidas, principalmente em busca de novas oportunidades de trabalho. Conforme aponta Baeninger (2015), torna-se cada vez mais evidente a complexidade do entendimento das migrações internas na sociedade brasileira do século XXI, segundo a autora, um dos caminhos requer a compreensão de que :

A intensificação de áreas com rotatividade migratória no país indica a fluidez da força de trabalho em espaços compartilhados da sociedade de risco. Esse parece ser um caminho promissor para o aprofundamento das interpretações acerca do fenômeno migratório na contemporaneidade e os seus processos de configuração de espaços regionais. (Baeninger, 2015, p. 19).

Na visão da teoria da sociedade de risco⁹, os fluxos migratórios podem ser analisados como um fenômeno que reflete e é influenciado pelos riscos sociais contemporâneos, na qual as migrações frequentemente ocorrem como resposta a riscos percebidos nos locais de origem, como instabilidade política, conflitos, pobreza, falta de oportunidades econômicas, desastres ambientais e outras circunstâncias desfavoráveis. Esses riscos muitas vezes levam as pessoas a buscar ambientes que consideram mais seguros, estáveis ou com melhores oportunidades. Além disso, a própria migração pode expor os migrantes a novos perigos e enfrentar desafios relacionados à integração social, discriminação, falta de direitos, barreiras linguísticas, precariedade no mercado de trabalho e outras dificuldades ligadas à mudança de contexto cultural e socioeconômico.

Em um contexto conceitual, é essencial retornar ao pensamento de Marx, pois esses migrantes estão inseridos na noção de superpopulação relativa discutida por ele na Lei Geral da Acumulação Capitalista. Esse fenômeno ainda persiste na contemporaneidade como uma estratégia do capital para expandir o valor. Essa conjuntura transformou as nações pertencentes ao âmbito do capitalismo periférico e dependente em vastos depósitos de mão de obra barata e precária. Esta população excedente e migrante é, ao mesmo tempo, um produto e um propulsor da acumulação de capital, que envolve indivíduos despossuídos em uma teia perversa da ideologia de inferioridade fundada e sustentada por um projeto burguês de modernidade que engenhosamente transforma povos em mercadoria, desempenhando assim, um papel fundamental na própria existência do modo de produção capitalista. Em um cenário de profundas mudanças na estrutura de produção, no qual o setor de serviços desempenha papel significativo e o emprego na indústria flutua de acordo com as condições do mercado global, é provável que os deslocamentos populacionais se tornem mais estabelecidos, inaugurando uma nova etapa na reconfiguração geográfica da população do Brasil.

⁹A teoria da "sociedade de risco", desenvolvida pelo sociólogo alemão Ulrich Beck, é orientada pelas categorias do pensamento de Marx e da dialética materialista. A teoria aborda as dinâmicas sociais em que os riscos são cada vez mais produzidos pela própria sociedade, não apenas por eventos naturais. Ela destaca como os avanços tecnológicos, as mudanças na produção industrial e os efeitos colaterais desses processos criam riscos sociais globais. Nesta perspectiva, a sociedade contemporânea é caracterizada pela incerteza e imprevisibilidade, onde as ações humanas têm impactos imprevisíveis na vida das pessoas, no meio ambiente e na estrutura social. Os riscos não estão mais restritos a uma localidade específica, mas são globalizados e interconectados, podendo ter consequências em escala mundial.

Para Alves (2004, p. 45), é primordial compreender a necessidade de deslocamento dos indivíduos a partir da crise do setor produtivo e das novas relações no mundo do trabalho, no qual:

[...] uma sociedade produtora de mercadorias, como a nossa, que ainda se sustenta no trabalho humano, se ressentida quando ela já não consegue dar conta de absorver parte da mão-de-obra disponível. Dessa maneira, cada vez mais um volume de trabalhadores se coloca em movimento, deslocando-se para onde ainda vislumbra possibilidades de alcançar um posto de trabalho, mesmo que isso seja apenas um ato visionário.

Assim como as migrações internacionais, a análise das migrações internas no Brasil em vários períodos de nossa história de desenvolvimento também está intrinsecamente ligada às relações sociais que resultam da interação dinâmica entre o capital e o trabalho. Isso implica examinar cuidadosamente como as condições materiais de existência de indivíduos dentro da sociedade são moldadas, tanto objetivamente quanto subjetivamente. Nesse sentido,

A categoria migração é complexa e tampouco existe consenso em torno dela no âmbito das teorias. Uma das suscitações que se coloca aos estudos para desvelar a essência do fenômeno social migratório é apreender as determinações subjacentes na forma particular de existência desses movimentos populacionais, materializadas na realidade social, o que implica abordar a sua conexão com a produção da totalidade da vida e as condições sócio-humanas da existência, nas condições históricas e sociais dadas. (Kreutz, 2021, p. 64)

Apesar da migração interna no Brasil ser, grosso modo, resultante da pobreza e representar a movimentação de pessoas de áreas menos privilegiadas em direção a regiões mais prósperas, evoluiu em termos de significados e estruturas, tornando-se uma experiência social complexa. Martins (1998), ao falar do desenvolvimento capitalista e as rupturas causadas no cotidiano de cada indivíduo, reflete sobre como a necessidade de buscar mudanças radicais torna-se revolucionária, pois, é no instante dessas rupturas do cotidiano, nos instantes da inviabilidade da reprodução, que se instaura o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão. Nesse momento:

A reprodução social, [...] é reprodução ampliada de capital, mas é também reprodução ampliada de contradições sociais: não há reprodução de relações sociais sem uma certa produção de relações – não há repetição do velho sem uma certa criação do novo, mas não há produto sem obra, não

há vida sem História. Esses momentos são momentos de anúncio do homem como criador e criatura de si mesmo (Martins, 1998, p. 6).

Mesmo diante de uma sociedade reinventada, ainda vivemos dominados por grandes e definitivas certezas, a da ilimitada reprodução do capital e a da inesgotável força de coação do poder do Estado (Martins, 1998). Nessa perspectiva, a migração está longe de ser uma aventura. Vivemos em um dos países mais desiguais do mundo e nesse contexto de abismos socioeconômicos entre as regiões do Brasil, privações de qualidade de vida acabam sendo determinantes para aqueles que decidem migrar. As pessoas deslocam-se de uma região para outra com o objetivo de melhorar suas condições pessoais ou as de suas famílias, visando enfrentar as dificuldades encontradas em suas regiões de origem. Em última análise, todas essas reflexões evidenciam a complexidade do estudo das migrações dentro do Brasil e as tendências atuais desses movimentos, considerando particularmente o agravamento das disparidades regionais em meio à crise econômica financeira mundial que tem se agravado desde 2015 no Brasil.

2.3 BREVE PANORAMA SOBRE O ESTADO DO PARÁ E SUAS PARTICULARIDADES HISTÓRICAS

A área geográfica da região Norte abrange cerca de 45% da superfície total do território nacional, estabelecendo-se como a região brasileira com a maior extensão territorial, englobando cerca de 3,9 milhões de quilômetros quadrados. Sob uma perspectiva econômica, a região apresenta uma ampla gama de recursos naturais, minerais e fontes de energia que ainda estão por ser explorados. Além disso, detém um significativo potencial em biotecnologia, graças à sua vasta diversidade biológica, e um cerrado fértil que oferece oportunidades para o desenvolvimento de atividades agrícolas e agropecuárias. Essa região é considerada ainda, um elemento-chave no contexto do ecossistema global, recebendo uma atenção especial nos debates e fóruns internacionais sobre o meio ambiente.

Na mesma intensidade que afloram os interesses do capital em torno das potencialidades dos recursos naturais, a região Norte e seus sete estados,

Amazonas (AM), Pará (PA), Acre (AC), Roraima (RR), Rondônia (RO), Amapá (AP) e Tocantins (TO), agudizam em problemas estruturais como o desemprego, falta de estrutura em saúde, educação, moradia, saneamento, transporte, entre outros que agudizaram-se em função da má gestão política ao longo de décadas.

O estado do Pará, nosso objeto de estudo ao tratar da intensa migração de homens e mulheres paraenses com destino à Florianópolis, é composto por 144 municípios e abrange uma extensão territorial de 1.245.870,704 quilômetros quadrados, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021. O estado faz fronteira com os estados brasileiros do Amapá, Roraima, Amazonas, Mato Grosso, Tocantins e Maranhão, além de compartilhar limites territoriais com os países Guiana Francesa e Guiana.

A capital e município mais densamente povoado é Belém, seguido por Ananindeua, Santarém e Marabá, respectivamente. Segundo o censo de 2010, a população era de 7.581.051 habitantes, já no último Censo 2022, o estado alcançou uma população de 8.121.025 de pessoas, indicando um crescimento populacional de aproximadamente 7,06%. Ainda segundo o Censo 2022, o número de moradores por domicílio no Pará diminuiu, a média de moradores era de 4,07 em 2010 e caiu para 3,31 em 2022.

O Pará, ao longo de sua história, consistentemente figura entre os Estados com os piores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) no Brasil. De acordo com dados do IBGE em 2021, ocupou a 23ª posição nesse ranking. Nesse contexto, ao compararmos com regiões como Santa Catarina, que se destacou na 3ª posição entre os estados que oferecem melhor qualidade de vida à população, torna-se evidente as enormes disparidades regionais dentro do território nacional, responsáveis por desencadear diversas manifestações da questão social em áreas que enfrentam maior vulnerabilidade econômica.

Embora o estado do Pará seja rico em recursos naturais como a Amazônia, persistem desigualdades econômicas e sociais em várias partes da região que contribuem para a manutenção da pobreza. Por ser um estado vasto e diversificado, com uma mistura de áreas urbanas e rurais, populações tradicionais como povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos, enfrenta desafios significativos de pobreza e falta de acesso a serviços e oportunidades, a desigualdade econômica e de desenvolvimento entre essas áreas é pronunciada. Enquanto as cidades maiores

como a capital Belém têm uma economia mais organizada e melhores serviços, muitas áreas rurais enfrentam a pobreza extrema.

Quando falamos em desigualdades regionais relacionadas ao estado do Pará, onde 80% da população é composta por pessoas negras¹⁰, é fundamental incluir o componente racial e suas diversas dimensões. A população pobre no Brasil é, em sua maioria, constituída de mulheres e homens negros, a existência do racismo estrutural que constitui nossa história de formação social é um dos elementos chave que nos levam a compreender as disparidades existentes entre as macrorregiões e suas reverberações perversas na vida dessas populações. Para Ianni (2004), dentro das relações sociais capitalistas, a criminalização da questão social é forjada em discursos que atingem de forma funesta os afrodescendentes no que tange ao acesso à educação de qualidade, lazer, emprego, salários justos e o direito de exercer sua cidadania.

Muito tempo depois, praticamente um século após a Abolição da Escravatura, ainda ressoa no pensamento social brasileiro a suspeita de que a vítima é culpada. Há estudos em que a “miséria”, a “pobreza” e a “ignorância” parecem estados de natureza, ou da responsabilidade do miserável, pobre, analfabeto. Não há empenho visível em revelar a trama das relações que produzem e reproduzem as desigualdades sociais. (IANNI, 2004, p.110).

O recorte de cor é algo intrínseco aos fenômenos sociais e econômicos causadores de desequilíbrios, portanto, torna-se pertinente relacionar os abismos refletidos nos indicadores de renda, moradia, dentre outros, com as graves questões estruturais que afetam a região Norte do Brasil ao preconceito de classe e o preconceito racial arraigados em nossa sociedade.

Um estudo realizado pelo IBGE no ano de 2020 intitulado “Mapa da Desigualdade entre as Capitais Brasileiras” analisou e retratou a disparidade existente nas diferentes cidades do Brasil e se baseia em um conjunto de 44 parâmetros municipais que estão relacionados a aspectos cruciais que afetam o bem-estar e a qualidade de vida dos habitantes. Neste levantamento foi possível identificar algumas diferenças significativas entre as capitais por meio do quociente

¹⁰ Dados do 2º trimestre de 2022 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do IBGE.

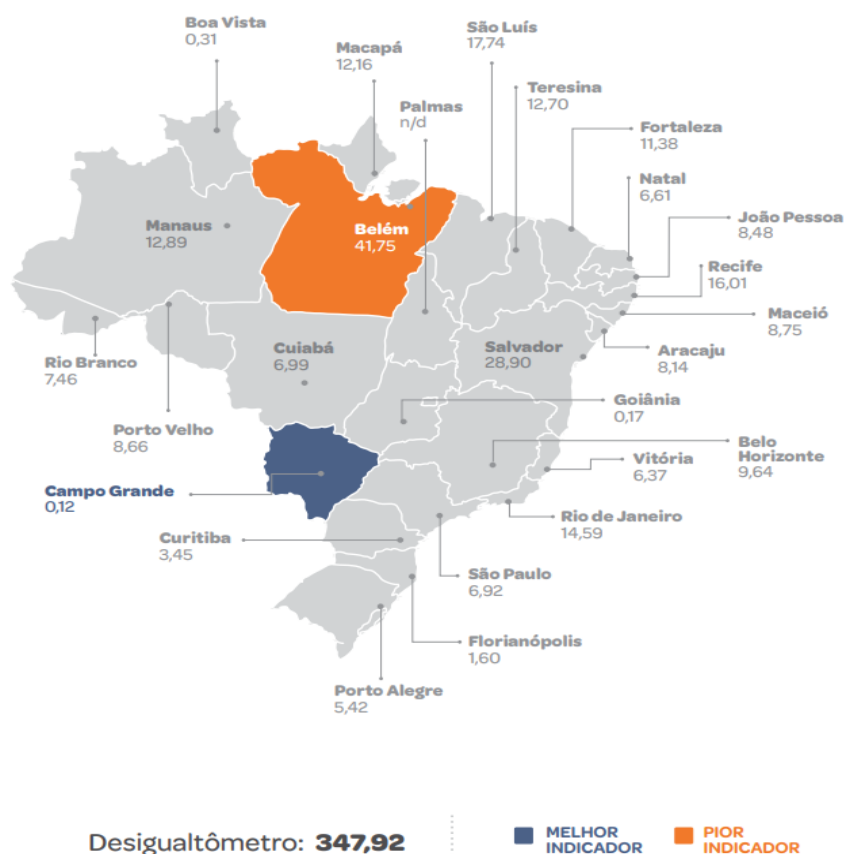
de desigualdade, calculado a partir da relação entre o melhor e o pior valor, o desigualtômetro.

Esses indicadores foram escolhidos com base nos dados do Programa Cidades Sustentáveis (PCS) e nas informações disponíveis nas bases de dados nacionais, como o IBGE e o DATASUS do Ministério da Saúde e abrangem diversas áreas, incluindo educação, saúde, assistência social, meio ambiente, direitos humanos, e outros aspectos essenciais. Alguns foram divididos por características como cor¹¹ e gênero, de modo a destacar de forma proeminente as desigualdades que existem nessas áreas específicas. No que tange ao percentual da população negra que reside em aglomerados subnormais¹², Belém, a capital do estado Pará, aparece em primeiro lugar dentre todas as capitais analisadas, apresentando um alto índice de pessoas negras em assentamentos irregulares, conhecidos por diversos nomes como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, loteamentos irregulares, mocambos e palafitas, entre outras denominações. Uma evidência que comprova o quanto a questão racial é um grande sinalizador das desigualdades regionais existentes no Brasil e condena frequentemente as regiões Norte e Nordeste aos piores índices de desenvolvimento no que tange a importantes indicadores econômicos e sociais.

Figura 1: Mapa da Desigualdade entre as Capitais Brasileiras - porcentagem de aglomerados subnormais em Belém.

¹¹ Os indicadores referentes à população negra foram obtidos por meio da agregação dos dados das populações preta e parda, conforme o padrão adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹² O IBGE utiliza o conceito de Aglomerado Subnormal para identificar uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas restritas à ocupação.



Fonte: IBGE - Censo Demográfico, Ano: 2010.

Outro fator diretamente ligado à questão racial e que atravessa de forma alarmante a população paraense é o crescimento da violência urbana. No mesmo levantamento do Mapa da desigualdade entre as capitais brasileiras, Belém está em primeiro lugar no indicador da taxa de homicídios por armas de fogo para cada 100 mil habitantes, apresentou ainda a maior taxa de homicídios de jovens entre 15 e 29 anos por 100 mil habitantes nesta faixa etária e o pior indicador de taxa de homicídios para cada 100 mil habitantes, dentre todas as capitais pesquisadas.

Para concluir a análise das capitais, o estudo examinou quantas vezes uma capital específica figurava entre as cinco com os piores resultados em 44 indicadores avaliados. Segundo a pesquisa, tanto Macapá quanto Belém foram mencionadas 18 vezes entre as cinco com os piores desempenhos, considerando um total de 44 possíveis ocorrências. É mister destacar que as capitais com maior frequência nos indicadores analisados estão localizadas nas regiões Norte e Nordeste do país.

Figura 2: Mapa da Desigualdade entre as Capitais Brasileiras - capitais que mais apareceram nos indicadores negativos avaliados.



Fonte: Mapa da Desigualdade entre as Capitais Brasileiras, 2020.

Em síntese, são problemas historicamente negligenciados e que requerem políticas públicas viabilizadas por gestores mais engajados, investimentos em infraestrutura, educação e saúde, considerando as características culturais e sociais específicas da região Norte. Para Santos (2004), a morte dos períodos históricos é lenta e cheia de sobressaltos e ressurreições. Nessa perspectiva, a transformação do Estado não pode também ser feita por uma ruptura instantânea com as condições de um passado que ainda está bem presente.

A ascensão de governos progressistas a partir de 2003, em certa medida, abriu caminho para tornar o combate às desigualdades uma prioridade na agenda

política de regiões consideradas economicamente atrasadas, com a adoção de diversas iniciativas que geraram resultados positivos na redução das disparidades regionais durante a primeira década do século XXI. Medidas de alcance nacional, como o programa Bolsa Família, o aumento real do salário mínimo e o acesso facilitado ao crédito, contribuíram para revitalizar as regiões mais economicamente carentes do país, como o Norte e o Nordeste, promovendo melhorias sociais e um crescimento econômico mais robusto em seus indicadores socioeconômicos. Embora essas políticas não tenham um enfoque regional específico, as regiões mencionadas acabaram sendo as principais beneficiárias, dada a natureza direcionada a classes de renda mais baixa. Além dessas políticas de alcance amplo em todo o território nacional, também houve concentração de esforços em ações direcionadas às áreas mais necessitadas. Apesar disso, no estado do Pará, questões estruturais de grande gravidade persistem, como o aumento da violência e a escassez de oportunidades, elementos que impulsionam muitos trabalhadores a se deslocarem para estados com economias em ascensão, como Santa Catarina, em busca de emprego e melhores condições de vida.

O Brasil é marcado por fortes desigualdades econômicas entre indivíduos e regiões, disparidades influenciadas por diferentes formas de especialização na produção e pela integração variada com os mercados nacionais e globais. Podemos considerar que nosso país com dimensões continentais apresenta vários “brasis” e realidades distintas em cada uma das 5 regiões que o constitui. Esse panorama leva a existência de taxas de crescimento econômico discrepantes, bem como disparidades na distribuição de empregos, tanto entre as diversas regiões do Brasil, quanto dentro delas. Apesar das melhorias recentes nos números, ainda é evidente a existência de realidades socioeconômicas muito distintas do ponto de vista regional, em que se apresenta uma concentração relativa de produção e renda nas regiões Sul e Sudeste e maior nível de pobreza nas regiões Norte e Nordeste, consideradas “periferias” dentro do sistema de desenvolvimento capitalista no Brasil, como aponta Martins (2015, p. 52):

Torna-se evidente que foi principalmente a competição capitalista, guiada pelos interesses do capital europeu que desencadeou os principais processos econômicos ocorridos de forma desigual nas regiões brasileiras até ao século XX. No deslocamento de capitais do Nordeste a região central do país aquando a descoberta do ouro, e posteriormente deste para o

Sudeste e o Sul não existiu nenhuma motivação nacionalista ou desenvolvimentista de elites brasileiras. A explicação para a região Sudeste e todo o grande Centro-Sul, apresentarem índices de crescimento superiores ao restante do país prende-se com o fato de serem essas as regiões que concentravam as atividades econômicas de maior relevo quando da independência.

Como saldo de uma industrialização tardia e voltada para os centros urbanos já em desenvolvimento desde o período colonial, a desigualdade histórica enfrentada por essas regiões mais vulneráveis envolve questões econômicas, sociais, políticas e ambientais que permanecem e se agravam nos dias atuais. A região Norte, apesar da rica diversidade cultural e recursos naturais presentes em seu território, enfrenta uma série de desafios que contribuem para seu avanço menos acelerado em comparação com outras regiões do país. Pesquisa recente do IBGE intitulada Síntese de indicadores sociais: 2022, realizou a análise da distribuição espacial da pobreza e extrema pobreza no Brasil e constatou que o maior crescimento da extrema pobreza ocorreu nas regiões Norte e Nordeste, ampliando a participação destas zonas no total de pobres do País em 2021.

Praticamente todas as Grandes Regiões registraram aumento da extrema pobreza, mas o crescimento foi mais intenso nas Regiões Norte e no Nordeste do País, regiões que foram mais impactadas pelos programas emergenciais de transferência de renda em 2020 e que, portanto, tiveram queda mais acentuada deste indicador neste último ano. Entre 2020 e 2021, por sua vez, a proporção de extremamente pobres passou de 8,5% para 12,5% na Região Norte e de 10,4% para 16,5% no Nordeste, variações superiores ao verificado para as demais regiões do País. (IBGE).

Nossa pesquisa visa compreender as migrações internas investigando suas origens através das disparidades socioeconômicas entre as regiões do Brasil. Portanto, estudos que oferecem informações a partir de indicadores como renda, etnia e incidência de violência são vitais para embasar uma análise crítica abrangente sobre as relações entre migração, pobreza e desigualdades regionais no país. Na próxima seção utilizaremos novamente essas fontes para dar suporte às conclusões baseadas nos relatos das entrevistas com trabalhadores do Pará que migraram para Florianópolis.

3 CONSIDERAÇÕES DOS PARAENSES SOBRE OS MOTIVOS DA MIGRAÇÃO PARA FLORIANÓPOLIS

Nesta seção, a partir das entrevistas realizadas com os quatro paraenses participantes deste estudo, vamos explorar a motivação central por trás da escolha de migrar para a capital catarinense e todas as implicações envolvidas nesse processo de deslocamento. A cidade de Florianópolis emergiu nos últimos anos como um polo que oferece amplas oportunidades de emprego nos setores de serviços e comércio, apesar dos significativos impactos da pandemia de Covid-19, particularmente no setor de serviços. Em 2023, apresentou um crescimento acima da média nacional, o que tem atraído um considerável número de imigrantes e refugiados dos eixos sul-sul, principalmente de países como o Haiti e Venezuela, mas também de maneira significativa das regiões Norte e Nordeste do Brasil. Além da grande oferta de empregos, Florianópolis se destaca como uma das capitais com melhor infraestrutura em termos de saúde, educação, saneamento e segurança pública no país.

Os paraenses entrevistados serão indicados(a)s pelas iniciais PA1, PA2, PA3 e PA4. A entrevistada (PA4) veio da cidade de Belém, capital do estado do Pará e os demais são oriundos dos municípios de Vigia (P1), Bragança (P2) e Benevides (P4). São pessoas jovens, inseridos na faixa etária entre 28 e 35 anos. Em relação à escolaridade, três possuem educação até o ensino médio enquanto uma entrevistada concluiu um curso superior em Gestão de Recursos Humanos no estado do Pará, contudo, no período da entrevista estava trabalhando como recepcionista em uma clínica de estética que atende a clientes de classe média alta em Florianópolis.

Para realizar as considerações de acordo com os temas abordados, nas duas primeiras subseções foram realizadas as análises dos dois eixos considerados fundamentais na vida dos nortistas que decidiram migrar para Florianópolis: emprego com oportunidade de melhor remuneração e sensação de segurança. Na terceira subseção, abordaremos as perspectivas dos indivíduos do Pará em relação às condições de renda e trabalho, que tipo de atividade se inserem estes trabalhadores durante a permanência na cidade, quais são as condições de moradia, as percepções sobre a infraestrutura de Florianópolis, além das várias

questões que envolvem a migração paraense para o Sul do Brasil. Com base nessas respostas, analisamos criticamente as reais faces e dificuldades do processo migratório para uma cidade repleta de contradições como Florianópolis, considerando as reflexões de autores que se dedicaram e continuam a discutir o estudo das migrações internas e suas interações complexas na sociedade de classes.

3.1 EMPREGO E MELHORES SALÁRIOS

Os relatos da(o)s entrevistada(o)s confirmam o trabalho como motivação principal para o deslocamento até Florianópolis. Para Marx, no livro 1 de O capital (1989), o trabalho é a categoria fundante do ser social, portanto, condição natural e eterna da produção da vida social. É importante compreender que os seres humanos têm o potencial de alcançar sua realização como seres livres e universais à medida que se concretizam ao longo da história, ao mesmo tempo em que moldam novos caminhos para suas vidas. Isso implica que as pessoas estão continuamente se construindo, tanto individualmente quanto nas interações com os outros, e essa evolução é viabilizada principalmente por meio de sua atividade fundamental: o trabalho. Importante ressaltar que, para Marx, sob os ditames do capitalismo o trabalho perde a perspectiva de libertação e emancipação assumindo uma realidade de sacrifício e miséria para grande parte da classe trabalhadora.

Em vista disso, é fundamental fazer referência ao estudo realizado em 2021 por pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA), intitulado “População em deslocamento: a força de trabalho paraense em Santa Catarina”. A pesquisa teve como objetivo compreender esse fenômeno migratório particular dada a significativa migração dos habitantes do Pará para o Sul do Brasil ao longo da última década e incluiu entrevistas semiestruturadas presenciais com familiares de migrantes na região metropolitana de Belém, a capital do Pará, além do compartilhamento de um formulário através do Google Forms para trabalhadores paraenses já estabelecidos em Santa Catarina. Baseando-se nos relatos coletados, os pesquisadores concluíram que:

A migração por trabalho é um fenômeno constatado no estado do Pará no século XXI. De maneira geral, paraenses passaram a migrar para o estado

de Santa Catarina como uma dramática estratégia de vencer o desemprego. A intenção desses trabalhadores é alcançar trabalho assalariado para obter melhores condições de vida. Os migrantes entrevistados são em 80% oriundos da capital do estado do Pará (Belém), 10% do município de Ananindeua (região metropolitana de Belém) e 10% do município de Barcarena (mesorregião metropolitana de Belém). (Chaves; Bezerra; Nascimento, 2022, p. 3).

O resultado da pesquisa indicou uma realidade alarmante: a maioria dos entrevistada(o)s (81,80%), estava desempregada em sua terra natal e por este motivo optou pela migração como tentativa de alcançar um emprego melhor remunerado na região Sul do Brasil. Ainda que em subempregos, os salários oferecidos são mais altos e são vistos como uma “oportunidade”. A partir das respostas, percebeu-se que as ações e aspirações da(o)s migrantes almejam adentrar no mercado de trabalho formal, impulsionados pela esperança de conquistar um futuro mais promissor. Nesse contexto, conforme apontado pela pesquisa:

O migrante visa alcançar o trabalho protegido e superar o desemprego ou o trabalho informal. No entendimento de Pinto (2012, p. 29) “migrar é fugir do seu destino, é buscar desesperadamente melhores condições de vida, ou seja, é tudo ou nada”. Os migrantes entrevistados em 54,50% consideram muito difícil conseguir emprego formal no estado do Pará, optando pela migração. (Chaves; Bezerra; Nascimento, 2022, p. 4).

Muito similares às respostas apresentadas na pesquisa supracitada, foram os relatos dados pela(o)s paraenses entrevistada(o)s para o presente trabalho. Quando questionada(o)s sobre a motivação principal que a(o)s levou a migrar para Florianópolis, toda(o)s mencionaram as dificuldades encontradas no campo profissional como o fator chave que impulsionou essa decisão:

PA1: Antes de vir para “Floripa” eu trabalhava numa fábrica de indústria de peixe e tinha uma vida mais ou menos, mas aí a fábrica veio a falir, fechou as portas e ficou muito difícil conseguir emprego. Alguns amigos vieram para Florianópolis e outros foram para Goiás e entre os dois eu escolhi Florianópolis para vir tentar mudar de vida. [...] enfim, cheguei aqui, a facilidade de encontrar emprego era...[...] realmente tinha bastante facilidade, consegui meu primeiro emprego no Angeloni como operador de caixa, [...] e lá a gente não tinha tanta facilidade de encontrar emprego.

PA2: Eu consegui o trabalho em loja lá porque a minha amiga saiu e me indicou para lá, o outro trabalho que eu tive era porque era uma mulher da

igreja que conhecia minha mãe, conversou com ela, falou que tava precisando de uma vendedora e a minha mãe falou de mim, daí eu consegui a vaga. [...] agora para Belém também é meio complicado porque tu sempre tem que ter alguém ali para te indicar, se não for por indicação é bem difícil conseguir uma vaga.

PA3: eu recebia o salário mínimo e eu só sobrevivía, né? [...] eu vim com a cara e com a coragem, juntei um pouco de dinheiro, me planejei para vir e vim para cá com a disponibilidade de um dinheiro para eu ficar uns cinco, seis meses sem emprego porque essa é a realidade do Pará, eu já fiquei procurando emprego no Pará durante dois anos sem trabalhar mesmo, só me virando fazendo alguns bicos, já fui motorista particular, já trabalhei como modelo de roupas, modelo de jóias, trabalhava como motorista de um senhor na madrugada, eu dirigia pra ele, ele então assim, eu me virava muito, eu já fui recepcionista de evento também, então tudo que tava dando ali um dinheiro eu tava me metendo né que era o meu meio de sobrevivência.

PA4: Pra mim não era muito difícil porque eu trabalhava de garçõete, tinha bastante emprego, operadora de caixa... mais era pro meu esposo porque ele é mais calado, [...] não tinha muito conhecimento com pessoas, ele trabalhava na área de vigilância e daí como aqui a oportunidade que ele queria era trabalhar de restaurante, ele conseguiu e o salário também era bom para ele, aí a gente resolveu ficar aqui, eu consegui também trabalhar aqui quando eu vim.

Analisando as respostas da(o)s trabalhadores paraenses é indubitável que as desigualdades regionais no Brasil refletem exponencialmente sobre a conjuntura de desemprego e precarização presentes nos estados e capitais que constituem a região Norte. A relação migração-emprego segue como expressão contínua dos problemas estruturais e estruturantes que impedem o crescimento em termos econômicos e sociais desse território.

A 9ª edição especial do Boletim Desigualdade nas Metrôpoles, estudo elaborado em conjunto pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), o Observatório das Metrôpoles e a Rede de Observatórios da Dívida Social na América Latina (RedODSAL), com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) versão anual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), destacou que entre 2020 e 2021 o percentual de pessoas em situação de pobreza nas regiões metropolitanas do Norte e Nordeste, com exceção de Fortaleza e Natal, superou um terço da população e mostrou que a Região Metropolitana de Belém (Belém, Ananindeua, Marituba,

Benevides, Santa Bárbara e Santa Isabel do Pará) estava em 5º lugar no ranking de desigualdade social entre as regiões metropolitanas brasileiras, ficando atrás de Aracaju (SE), João Pessoa (PB), Natal (RN) e Salvador (BA), em ordem decrescente.

As desigualdades sociais não se reduzem, ao contrário, reiteram-se ou agravam-se e, nesse sentido, a pauperização, o desmonte de políticas ambientais e de proteção social nos últimos anos tem atingido impiedosamente o país de norte a sul. Com a deflagração da crise política e econômica iniciada em 2015 e intensificada com o advento da pandemia de covid-19 em 2020, a elevação das taxas de desemprego e o aumento descomunal da pobreza e extrema pobreza tornaram-se um fenômeno notório. Nesse contexto, as migrações em busca de oportunidades econômicas estão associadas à vulnerabilidade e à exploração do trabalhador, possibilitando a velha e recorrente dinâmica do capitalismo de absorver a força de trabalho de migrantes provenientes de regiões menos desenvolvidas, servindo-lhes como uma cômoda e necessária reserva de mão de obra disponível para ocupar posições de trabalho precárias e muitas vezes mal remuneradas. Como assinala Ianni (1989, p. 150):

O pauperismo não se produz do nada, mas da pauperização. O desemprego e o subemprego são manifestações dos fluxos e refluxos dos ciclos dos negócios. A miséria, a pobreza e a ignorância, em geral, são ingredientes desses processos. O contingente de trabalhadores de reserva tem sido um elemento altamente conveniente para a empresa, [...] no sentido de reduzir os custos da mão de obra para o comprador, além de facilitar a divisão da classe operária.

Segundo o IBGE, a população sem carteira assinada no Brasil chegou a 13,2 milhões de trabalhadores no ano de 2023, em relação ao mesmo período de 2021 o aumento foi de 6,4% e já é considerado o maior de toda a série histórica da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) contínua, que começou em 2012. Em face do exposto, é fundamental compararmos as estimativas sobre o crescimento das oportunidades de empregos formais entre as regiões implicadas no fenômeno do fluxo migratório da força de trabalho paraense para Santa Catarina.

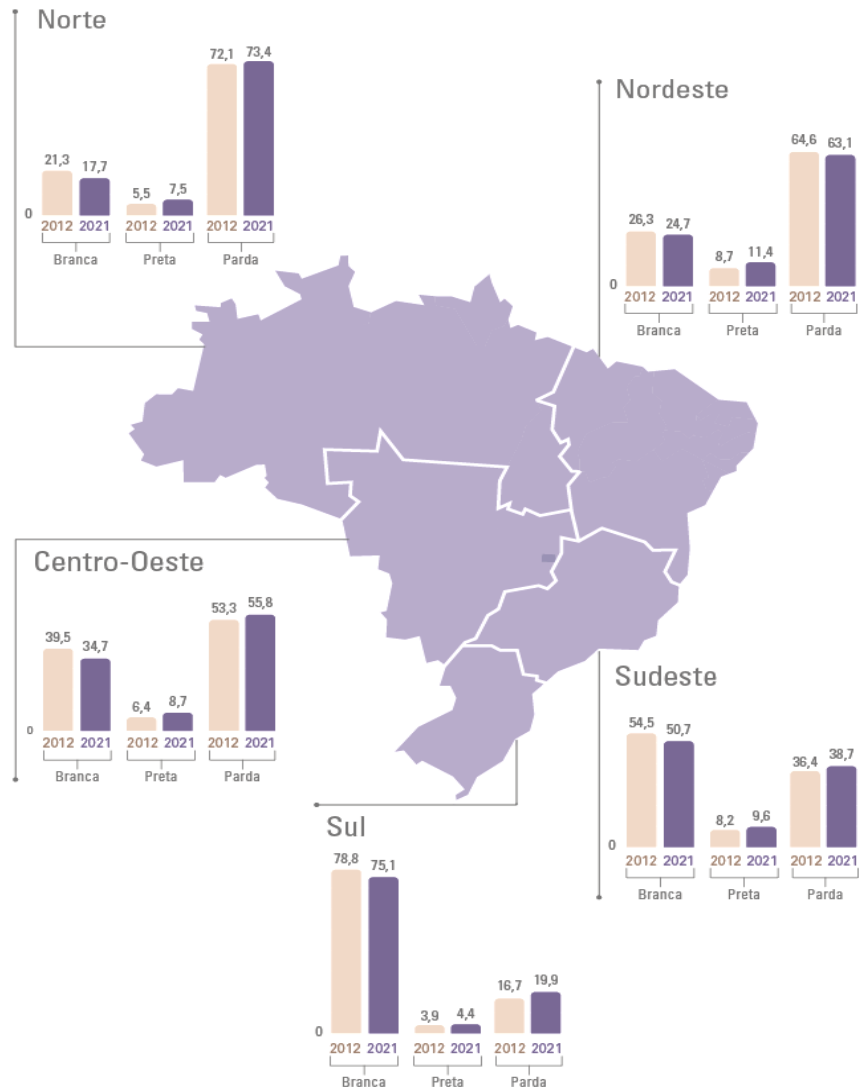
Na contramão da tragédia histórica do desemprego vivida em nível nacional, dados do segundo trimestre deste ano divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que o estado de Santa Catarina é líder em

nível de ocupação (64,9%) e de empregados com carteira assinada (88,1%). De acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), o saldo no primeiro quadrimestre foi de 55.675 vagas, o terceiro melhor resultado do Brasil, atrás apenas dos dois estados mais populosos do país: São Paulo (190.094) e Minas Gerais (92.205). Percebe-se que os desequilíbrios entre as regiões ainda seguem a mesma lógica perversa aos moldes do capitalismo periférico, privilegiando zonas consideradas mais competentes e propícias ao crescimento econômico e contemplando uma pequena parcela de ricas empresas em detrimento de regiões consideradas atrasadas. Essa dinâmica de crescimento desigual entre as regiões é impulsionada pela ideologia da elite econômica interna do Brasil, usada como ferramenta para dominar cultural, social e politicamente as classes menos privilegiadas. Isso gera percepções equivocadas, como a visão do Sul e Sudeste como áreas brancas e capitalistas contrastando com o estereótipo do Norte e Nordeste como locais mestiços e atrasados. Para Ianni (1989), a análise da questão de raça e classe social não deve ser ignorada, pois esses dois aspectos não estão dissociados, pelo contrário, é crucial apreender e compreender cada um deles em suas particularidades distintas, visto que as disparidades sociais foram forjadas ao longo da trajetória histórica da sociedade brasileira resultando em posições constantemente frágeis e invisíveis para a população negra dentro do contexto social. Além disso, a questão racial é um ponto primordial ao se discutir as disparidades regionais brasileiras e suas contradições, principalmente pelo fato da maior concentração de pessoas pretas e pardas do Brasil se encontrar no Norte e no Nordeste, de acordo com dados da PNAD Contínua 2012 a 2021.

Marcantes diferenças regionais foram verificadas no que diz respeito à composição da população por cor ou raça. A Região Nordeste tinha a maior proporção de pessoas declaradas da cor preta, 11,4%, seguida pelas Regiões Sudeste (9,6%) e Centro-Oeste (8,7%). A população de cor parda apresentava os maiores percentuais nas Regiões Norte (73,4%), Nordeste (63,1%) e Centro-Oeste (55,8%). A Região Sul tinha o predomínio de população de cor branca (75,1%), seguida da Sudeste (50,7%), enquanto a Norte (17,7%) apresentava a menor estimativa dessa população.

FIGURA 3: PNAD Contínua 2020 - 2021

Distribuição da população residente (%) Por grandes regiões, segundo cor ou raça



Fonte: PNAD Contínua - Características Gerais dos Moradores 2020-2021

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS **IBGE**

Em continuidade às evidências que confirmam as diversas disparidades estruturais no país, especialmente relacionadas à cor e raça nas regiões com predominância de população preta e parda, destaco o estudo do IBGE intitulado "Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2022". Esse estudo busca fornecer um panorama resumido das condições de vida da população brasileira, considerando diferentes aspectos geográficos e

sociodemográficos nas cinco regiões do país, além de contextualizá-los historicamente. No que tange ao aumento da pobreza e extrema pobreza, a pesquisa concluiu que:

Praticamente todas as Grandes Regiões registraram aumento da extrema pobreza, mas o crescimento foi mais intenso nas Regiões Norte e no Nordeste do País, regiões que foram mais impactadas pelos programas emergenciais de transferência de renda em 2020 e que, portanto, tiveram queda mais acentuada deste indicador neste último ano. Entre 2020 e 2021, por sua vez, a proporção de extremamente pobres passou de 8,5% para 12,5% na Região Norte e de 10,4% para 16,5% no Nordeste, variações superiores ao verificado para as demais regiões do País. (IBGE).

Os dados sobre a distribuição média mensal do rendimento domiciliar per capita foram extraídos da PNAD Contínua entre os anos de 2012 e 2019, destacando a forte disparidade socioeconômica entre as regiões do país. As regiões Sul (R\$ 1.656), Sudeste (R\$ 1.645) e Centro-Oeste (R\$ 1.534) registraram os maiores rendimentos domiciliares per capita médios, enquanto os menores foram observados no Norte (R\$ 871) e Nordeste (R\$ 843). Diante desses resultados, o estudo concluiu que as diferenças regionais se tornam mais evidentes na análise do rendimento per capita, à medida em que:

Analisar o rendimento segundo sua distribuição por classes de salário mínimo é uma outra forma de avaliar a incidência da desigualdade na sociedade brasileira, quando se consideram recortes específicos. Nesse sentido, 14,6% da população brasileira em 2021, em torno de 31,0 milhões de pessoas, viviam com até o valor de $\frac{1}{4}$ de salário mínimo per capita mensal (R\$ 275) e 34,4%, aproximadamente 73,1 milhões de pessoas, com até $\frac{1}{2}$ salário mínimo per capita (cerca de R\$ 550). Nas Regiões Nordeste e Norte 54,3% e 51,2% da população, respectivamente, viviam com até $\frac{1}{2}$ salário mínimo de renda mensal, enquanto na Região Sul somente 17,8%. (IBGE).

Apesar da considerável diferença de renda entre as regiões Norte e Sul, a transição dos trabalhadores para áreas com mais oportunidades de emprego e infraestrutura mais avançada está longe de resolver de forma definitiva as preocupações que afetam esses migrantes. Muitos se sentem desapontados ao se depararem com uma realidade que não corresponde ao que esperavam encontrar em Florianópolis, como mencionado por PA1:

um primo meu veio para cá e passou apenas 10 dias, voltou desmotivado, por isso muita gente acaba desmotivando também, [...] por pagar o aluguel

muito caro, não vai dar pra construir nada ou guardar dinheiro, eles acham assim que morando lá e recebendo um salário que recebe lá no Pará é a mesma coisa que morar aqui e pagar um aluguel de 700 reais, né! Mas, assim, tem muita gente que persiste, não olha por esse lado, vê pelo lado da violência, [...] vou ficar porque aqui é tranquilo eu vou ganhar pouco, mas dá pra mim comer e sobreviver aqui e aí tem gente que já pensa por esse lado, se vim pra cá pra tentar tipo ficar rico, ter uma vida de rei assim, não é por aí, não dá, aí acaba se desmotivando e voltando para lá. Já aconteceu, mas a maioria das pessoas que vieram de lá que eu conheço ainda continuam aqui,

À luz das dificuldades expostas pelos migrantes paraenses, torna-se evidente que a ideia neoliberal sobre as migrações contemporâneas, vinculando-as à liberdade e ao avanço econômico, não reflete a realidade de muita(o)s trabalhadora(e)s migrantes espalhados pelo Brasil, onde a pobreza, fome e desigualdade social tem raça, gênero e território, tornando estas populações mais vulneráveis ao empobrecimento e à redução da qualidade de vida decorrentes das interações sociais capitalistas ainda calcadas nas relações do poder colonial escravista e segregador. Nessa perspectiva, as disparidades regionais brasileiras nas esferas social, econômica, política e cultural são impregnadas pela discriminação e pelo preconceito racial, facilitando a perpetuação constante das discrepâncias que violentam a classe trabalhadora de origem nortista e nordestina. Assim, compreende-se que a região Norte do Brasil segue imersa em antigas e novas problemáticas, cada vez mais potencializadas na conjuntura de crise estrutural do capitalismo, culminando em um cenário propício às empreitadas migratórias de trabalhadores oriundos das regiões mais afetadas pelos desequilíbrios econômicos e sociais, revelando uma preocupante tendência de aumento da oferta de subempregos para pessoas com pouca formação, desprovidas de recursos e necessitadas de trabalho para garantir a sobrevivência em outra cidade, tal como se vê no cotidiano de muitos paraenses que residem em Florianópolis e passam por situação de significativa vulnerabilidade socioeconômica.

3.2 SENSAÇÃO DE SEGURANÇA

Como mencionado no início deste estudo, as migrações atuais são motivadas por diversas razões e sua importância pode variar dependendo das condições e regiões específicas. As motivações para migrar podem ser diferentes já que as

peessoas respondem a uma combinação de fatores ao decidirem se deslocar dentro do país. Embora a busca por oportunidades de emprego seja a principal razão para a migração dos trabalhadores paraenses para Florianópolis, ao serem indagados sobre a questão da violência, toda(o)s concordaram unanimemente que o aumento da criminalidade no estado do Pará é um fator determinante para o grande fluxo migratório em direção ao Sul do Brasil:

PA1: [...] a maioria dos paraenses que eu encontro aqui, que eu conheço ou que tem vontade de vir para cá, essa é uma das principais causas também de querer sair do Pará. Não só em busca de emprego, mas para fugir da violência também, porque lá tu pode até conseguir um emprego, digamos assim, mas, pra ti sair, ter uma vida fora de casa ou fora do trabalho, tu pode correr o risco de ser assaltado.

PA3: Lá tá bem perigoso então por isso que tem muita gente vindo né, nem tanto tanto que não consiga sobreviver sobre emprego também, [...] mas, devido a segurança, lá tá muito perigoso, parece que cada vez está mais difícil, não consegue sair com celular, com nada na rua e aqui a gente sai tranquilo, volta a hora que quer, ninguém mexe com a gente!

As entrevistadas PA2 e PA3 relataram episódios de violência que vivenciaram quando ainda estavam em suas cidades:

PA2: Ali na cidade pequena era muita questão de assalto pequeno ou se tu não tinha alguma coisa eles faziam maldade contigo também, que já aconteceu não comigo, mas, com a menina que tava comigo, a gente tava saindo justamente para ir numa praça e na hora quando eles vieram assaltar a gente, a gente deixou os celulares em casa e a minha amiga foi esfaqueada nas costas, então aquilo vai causando receio, entendeu?

PA3: Imagina só tu tá na tua cidade, tá no lugar onde tu nascestes, aonde tu tem tuas origens e não poder ali viver em paz, não poder sair na rua porque tu corre risco, toda pessoa que sai da sua casa, ela sai e não tem a certeza de que vai voltar da mesma forma que ela saiu da sua casa. [...] inúmeras vezes eu fui assaltada, fui assaltada na porta da minha casa quando eu tava indo pegar o ônibus pra ir pro cursinho que eu estava tentando passar em um concurso público e aí eu fui assaltada.

O entrevistado PA1, natural da cidade de Vigia-PA, compartilhou durante nosso diálogo um incidente de assalto que enfrentou e revelou que essa experiência específica o fez repensar sua proximidade com a família e considerar voltar para Florianópolis. Embora tenha retornado ao Pará durante a pandemia de covid-19 com

a intenção de estabelecer-se definitivamente, ele notou um aumento significativo e descontrolado da criminalidade em seu município. PA1 destacou que, em Florianópolis, consegue desfrutar de uma vida muito mais segura e se locomover sem preocupações mesmo em momentos de baixo movimento na cidade.

[...] até isso é uma questão de se pensar em voltar para lá, por isso que muita gente vem para cá para fugir dessa violência também, aqui tu anda tranquilo, com um cordão, pulseira, relógio, celular, com fone de ouvido tranquilo, pode vir para tua casa, eu saía do trabalho meia noite, vinha, andava uns 2 Km até chegar em casa com meu fone de ouvido, tranquilo ouvindo a minha música e chegava em casa bem, tranquilo, sem correr esse risco de ser assaltado. Agora se tu for fazer isso lá em Belém, tu não chega, tu não pode ouvir uma música, o teu celular tem que andar bem escondido, nem andar com bolsa nem nada, porque eles ficam de olho e qualquer vacilo seu você é assaltado, então a violência lá é muito grande, muito mesmo.

A mesma sensação de segurança é manifestada pela migrante PA2 quando informa sentir bastante tranquilidade ao circular no bairro Saco Grande onde reside em Florianópolis:

[...] às vezes eu ia treinar meia-noite ou 11 horas da noite, meia-noite e voltava uma hora, duas, sempre com o “celularzinho” na mão vindo conversando com alguém e nunca aconteceu mal nenhum no meio do caminho, nem para ir nem para voltar, sempre falando com alguém ali, mas assim, eu me senti muito segura pra cá.

Nesse contexto, a(o)s migrantes oriundos do Pará afirmam conseguir desfrutar da cidade sem as preocupações e perigos que lá vivenciavam diariamente, graças aos índices muito baixos de criminalidade em Florianópolis. Dessa forma, os entrevistada(o)s afirmam que as dificuldades enfrentadas em razão do alto custo de vida e custo com aluguel, são compensadas pela sensação de segurança que a cidade oferece. A entrevistada PA3 destaca o quanto se sente feliz e aliviada com a nova vida na capital:

[...] eu nem acreditava quando cheguei aqui em Florianópolis que tu consegue sair com a bolsa, porque eu não usava mais bolsa em Belém, em Belém usava, assim, umas sacolinhas “pro” ladrão não levar as coisas que eu tinha, principalmente meus documentos, meu celular vinha escondido no meu sutiã, no cós da minha calça, tudo isso pra eu não perder os meus bens, né! Que eu tinha ali meus documentos que dá muito trabalho de tirar também, então quando eu cheguei aqui em Florianópolis que eu vi também que era uma possibilidade de andar [...] de uma forma que não fosse humilhante para mim, que eu pudesse andar em liberdade com as minhas

coisas, sem ter esse risco, essa certeza [...] que a gente tem lá no Pará que se a gente vai sair de casa vai ser assaltado se a gente der bobeira.

Ao longo da nossa conversa, a migrante também mencionou as preocupações que tem em relação aos familiares que permaneceram no Pará. PA3 relatou que sua mãe mora sozinha e mesmo pagando um serviço particular de segurança privada já sofreu um assalto a mão armada dentro de casa. Para ela, embora seja uma cidade vibrante e culturalmente rica, Belém, a capital do Pará, como a maioria dos grandes centros urbanos enfrenta graves problemas relacionados à segurança pública e lamenta que a população seja obrigada a enfrentar em seu cotidiano os perigos decorrentes dessa violência:

PA3: [...] para ti sobreviver lá em Belém, tu tem que ter uma certa coragem, se não tiver a coragem tu vai viver dentro da tua casa, porque nem dentro da tua casa tu fica seguro, porque tem muitos assaltos!

Regiões com altos índices de desigualdades sociais, pobreza e extrema pobreza, falta de acesso a recursos básicos, educação precária e desemprego estão mais propensas a enfrentar problemas como crime organizado, violência doméstica, roubo, tráfico de drogas e outras formas de criminalidade que geram fatores de expulsão. Nesse sentido, a escolha de migrar para o Sul do Brasil vai além da atração pelo mercado de trabalho mais aquecido e setores econômicos em crescimento, envolve também necessidades indispensáveis à qualidade de vida, como a liberdade de transitar pelas ruas da cidade sem medo de assaltos e agressões. Para todos os entrevistados, essa questão surge como fator de fundamental importância em sua escolha de seguir residindo em Florianópolis, mesmo diante dos desafios de pagar aluguel e sobreviver com pouco em uma das cidades com custo de vida mais altos do Brasil, conforme sinalizado por uma migrante:

PA3: [...] mesmo eu recebendo um salário base, o que eu ganho aqui é o básico, é o que a maioria das pessoas ganham, né! eu consigo ter uma qualidade de vida que eu busquei muito em Belém, eu tenho segurança aqui, eu tenho os lugares, os pontos turísticos que eu consigo conhecer e consigo frequentar.

É importante destacar que a percepção sobre violência levantada pelas(os) entrevistada(o)se torna-se relativa neste contexto, uma vez que as problemáticas estruturais históricas que explicam as dinâmicas de conflitos sociais no estado do Pará apresentam manifestações distintas em comparação com Santa Catarina.

Evidentemente que a violência a qual a(o)s migrantes do Pará vivenciavam e desejavam escapar é uma realidade comprovada estatisticamente e pode ser justificada como fator fundamental sobre a preferência por viver em Florianópolis. De acordo com o relatório Dinâmicas da violência das regiões brasileiras: estado do Pará de 2023 realizado pelo IPEA, os registros apontam para uma tendência de queda da ocorrência de homicídios no estado do Pará, no entanto, mesmo com progressos, permanece como um dos estados mais violentos do Brasil, onde 101 dos 144 municípios têm uma taxa de homicídios que ultrapassa a média nacional.

Ainda que Florianópolis apresente excelentes índices de segurança em relação a outros grandes centros urbanos e apareça na liderança¹³ entre as capitais brasileiras mais seguras para se viver no Brasil, é inegável que nos últimos anos uma extensa campanha midiática tem sido promovida com o objetivo de vender a ilha como um refúgio de qualidade de vida urbana no Brasil e ofuscar questões socioeconômicas graves que surgiram com o crescimento desordenado da metrópole. Importante pontuar que são desigualdades e antagonismos escancarados e, ainda assim, menosprezados por um poder público constituído pela elite do atraso do Sul brasileiro. Para Ianni (1989), são particularidades das relações sociais capitalistas e suas consequências nefastas, onde a prosperidade da economia e o fortalecimento do aparelho estatal parecem caminhar em descompasso com o desenvolvimento social.

Uma história que revela a escassa “modernização” alcançada em determinadas esferas da sociedade, enquanto que nas principais esferas da economia tudo parece muito próspero, diversificado e moderno. A mesma fábrica do progresso fabrica a questão social. (Ianni, 1989, p. 154).

3.3 CUSTO DE VIDA ALTO E AS DIFICULDADES EM FLORIANÓPOLIS

¹³ O Anuário 2023 Cidades Mais Seguras do Brasil, foi elaborado pela empresa especializada em serviços e tecnologia MySide, com dados do IBGE e Ministério da Saúde. Para esta pesquisa, os dados principais foram coletados por meio de uma análise minuciosa dos atestados de óbito de todas as mortes registradas no Brasil em 2022, compilados pelo Ministério da Saúde.

Conforme mencionado anteriormente neste trabalho, a cidade de Florianópolis se destaca como a capital do Sul do país com o maior crescimento populacional em um período de 12 anos, de acordo com os dados mais recentes do Censo de 2022.

Aspectos que ressaltam os benefícios de viver na ilha como a natureza, infraestrutura, educação, sofisticação e segurança são os pontos enfatizados pelo marketing promovido por grandes empresas do mercado imobiliário e pelos governos estadual e municipal. Essa intensa campanha, especialmente a partir do final dos anos 90, resultou em um boom na especulação imobiliária na ilha, atraindo pessoas com alto poder aquisitivo e, em consequência, o aumento na demanda por residências elevou significativamente os preços dos imóveis, tanto para compra quanto para aluguel, levando a classe trabalhadora a se deslocar para áreas menos privilegiadas e afastadas dos centros urbanos, enquanto se alimenta nas mídias burguesas a falsa ideia de uma Florianópolis sem problemas, sem ocorrências de violência, pobreza e desigualdades sociais. O crescimento urbano desordenado em Florianópolis é uma questão antiga, diversas áreas periféricas, em particular os morros das áreas centrais, enfrentam altos índices de pobreza e violência, geralmente negligenciados pelo poder público devido aos interesses da elite local em promover Florianópolis como uma capital turística impecável.

No entanto, enquanto a cidade expande e se moderniza, gerando mais negócios e oportunidades de trabalho, antagonicamente, também aumentam os índices de pobreza, violência e exclusão social. Nesse sentido:

Percebemos que todo este processo de transformação e modernização está intimamente ligado ao crescimento populacional, por meio da migração e que em grande parte esse processo culminará com a oposição entre as formas de percepção bem como as expectativas sobre a cidade. Os problemas da cidade são constantemente justificados pela presença do elemento “de fora” principalmente de baixa renda que frequentemente é associado a uma criminalidade crescente, enquanto as elites apenas buscam possibilidades de se exilar do contato com estas camadas alterando profundamente os ritos públicos de interação social (Souza, 2009, p.4).

Uma política de habitação que atenda as populações economicamente vulneráveis é urgente, contudo, está longe de ser resolvida pelo estado de Santa Catarina. A segregação socioespacial existente na cidade de Florianópolis é nítida em relação à(o)s migrantes paraenses entrevistada(o)s. Ao serem questionada(o)s sobre onde moravam, o migrante P1 que atualmente está em busca de emprego e

reside no Morro da Caixa, localizado no bairro da Agrônômica e a migrante P2, que vive no Morro do Pantanal, destacaram que devido às suas condições financeiras limitadas não conseguem arcar com o aluguel em outras áreas da capital e moram em pequenos apartamentos (kitnets) nas áreas periféricas da cidade. As dificuldades no que tange aos aluguéis superfaturados em Florianópolis foram lembradas pelas (os) migrantes:

PA1: É uma das dificuldades que a gente tem né?! A gente paga um aluguel barato, porém é lá no morro e uma kitnet pequena e ainda com exigências, não pode animais, não pode criança, não pode barulho alto, mas se tu quiser também morar em um lugar mais embaixo, que tu vai pagar um valor que é praticamente metade do teu salário, tu vai viver só para pagar o aluguel, essa é a parte ruim daqui, porque se tu quer morar bem tu tens que pagar metade do teu salário, então, tu não vai ter condição nem para ti curtir uma folga no shopping, digamos assim, ou comprar uma roupa legal para ti, é mais viver para pagar o aluguel e comer, essa é uma dificuldade, entendeu? Mas, para ti ter, sobrar uma graninha, digamos assim, tu tens que morar numa kitnet bem pequena e lá em cima do morro!

PA2: Se morar embaixo é um pouquinho mais caro, com o salário que eu ganho no momento não dá para morar embaixo, vai ter que ficar morando ali por enquanto no morro. Se for me mudar também vai ser morro de novo! Mas assim, para morar lá embaixo ainda não consigo acompanhar não.

Da(o)s quatro paraenses participantes desta pesquisa, a entrevistada PA4 é a única que conseguiu adquirir um terreno no Morro do 25 e está batalhando para construir um domicílio. Ela tem três filhos pequenos e contou que passa por muitas dificuldades para administrar os gastos da família:

PA4: [...] para vir assim, deixar tudo lá e vim do zero é bem complicado às vezes, [...] a pior parte é o aluguel mesmo! Na verdade eu acho que se eu fosse comprar uma casa pronta até agora eu não tinha conseguido, só consegui porque eu negocieei com o dono do terreno, ele tava precisando do dinheiro e parcelei. [...] surgiu uma oportunidade e a gente agarrou, de comprar esse terreno e ir construindo aos poucos. [...] o custo de vida é alto a gente gasta muito com eles e mesmo a gente não pagando aluguel a nossa despesa é muito grande, aí às vezes adocece, aí tem que comprar remédio quando a gente não consegue no posto, aí sai tudo muito caro, né! Então qualquer coisa que a gente vai comprar dá R\$ 500 ou R\$ 1000, qualquer “despesinha” dá isso, eu acho que é difícil, ainda mais para quem tem filho.

Além da(o)s migrantes paraenses enfrentarem os altos custos com aluguéis, a alimentação é outro elemento preocupante para aqueles que recebem salário mínimo na capital. O migrante PA1 menciona que devido ao alto custo de vida em

Florianópolis precisa enfrentar várias privações, inclusive com a perda da qualidade na alimentação:

PA1: Infelizmente, no meu ver, pra mim, só dá para sobreviver aqui, né! Mas tem pessoas que vem com esse plano, de vim trabalhar e construir alguma coisa lá, digamos assim, uma casa. Mas vai passar um pouco de dificuldade, não um pouco, mas muita dificuldade. Pra juntar dinheiro realmente é muito difícil porque o que quebra muito a gente é o aluguel, tu recebe um salário, mas quase metade do teu salário é para pagar o aluguel e fora comer, a despesa hoje em dia tá muito cara e Santa Catarina é uma das cestas básicas que estão mais caras hoje em dia no Brasil, então é bem difícil, tu vai juntar o dinheiro, mas tu vai passar um pouco de necessidade, não vai se alimentar direito, mas, tudo tem um sacrifício, se realmente tu tiver esse objetivo de construir alguma coisa, tu tens que fazer isso, passar um pouco de necessidade aqui.

Conforme os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), em 2020 Florianópolis ficou em segundo lugar entre as capitais com o custo mais elevado para a cesta básica, registrando o valor de R\$ 530,42, apenas R\$ 9,53 atrás da capital líder, São Paulo. Esse montante representou aproximadamente 54,87% do salário mínimo naquele ano. No ano subsequente, em 2021, a cesta mais dispendiosa foi encontrada em Porto Alegre, com o valor de R\$ 656,92, seguida por Florianópolis, que atingiu R\$ 654,43, equivalente a 64,32% do salário mínimo, e São Paulo em terceiro, com R\$ 640,51 (DIEESE, 2021). Em 2022, a capital catarinense manteve a segunda posição, com uma cesta no valor de R\$ 769,19, representando 68,61% do salário mínimo, ainda ficando atrás de São Paulo (DIEESE, 2022). Já em 2023, Florianópolis alcançou seu ponto mais alto, assumindo a primeira posição como a cidade com a cesta básica mais cara do Brasil, registrando o valor de R\$ 747,64.

Figura 4: Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos - Custo e variação da cesta básica em 17 capitais/ Brasil - setembro de 2023.

Capital	Valor da cesta	Varição mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Varição no ano (%)	Varição em 12 meses (%)
Florianópolis	747,64	0,50	61,23	124h37m	-2,80	0,15
Porto Alegre	741,71	-2,48	60,75	123h37m	-3,12	-0,30
São Paulo	734,77	-1,83	60,18	122h28m	-7,14	-2,13
Rio de Janeiro	719,92	-0,40	58,96	119h59m	-4,36	0,81
Vitória	681,91	3,18	55,85	113h39m	-6,43	-0,63
Curitiba	681,23	-0,57	55,79	113h32m	-2,49	0,37
Campo Grande	675,68	-2,32	55,34	112h37m	-9,21	-4,98
Brasília	662,20	-4,03	54,23	110h22m	-9,14	-3,64
Fortaleza	640,48	-0,34	52,46	106h45m	-2,07	3,16
Belo Horizonte	633,78	-1,89	51,91	105h38m	-8,98	-2,52
Belém	633,53	-1,03	51,89	105h35m	-0,92	1,78
Goiânia	630,95	-1,65	51,67	105h10m	-10,46	-4,21
Natal	598,99	3,06	49,06	99h50m	2,50	3,00
Salvador	571,01	-0,83	46,77	95h10m	0,05	1,91
Recife	570,20	-1,81	46,70	95h02m	0,90	-1,69
João Pessoa	562,60	-0,44	46,08	93h46m	0,14	0,05
Aracaju	532,34	-1,90	43,60	88h43m	2,17	2,63

Fonte: DIEESE.

De acordo com o DIEESE, em setembro de 2023 o salário mínimo necessário para sustentar uma família de quatro pessoas deveria ter sido de R\$ 6.280,93, o que equivale a 4,76 vezes o salário mínimo oficial de R\$ 1.320,00. Considerando a determinação constitucional que estipula que o salário mínimo deve cobrir as despesas de alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência para um trabalhador e sua família, fica evidente que a renda recebida por uma parcela significativa da população assalariada em Florianópolis não condiz com as reais necessidades de garantia dos direitos sociais fundamentais à vida humana, além de impactar significativamente no poder de compra da população. Isso expõe o descaso com a classe trabalhadora recebedora de menor renda e em grande parte oriunda de outros estados, força motriz por trás do expressivo crescimento econômico da capital. Segundo o Censo 2010 realizado pelo IBGE, os que nasceram e moravam em Florianópolis eram minoria, 48,29%. Os outros 51,71% vieram de outras cidades, estados e países.

Uma grande parte dessas pessoas vindas de outros locais se vêem obrigadas a lidar sozinhas com o drama de moradia e sustento em uma cidade que parece ser planejada apenas para as classes de maior poder aquisitivo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na trajetória da humanidade, a migração tem uma conexão histórica com as transformações originadas pelo crescimento econômico, especialmente no contexto do modo de produção capitalista. As migrações dentro do Brasil sempre estiveram profundamente ligadas ao sistema de acumulação, onde a força de trabalho móvel se torna essencial para o funcionamento e consolidação do sistema capitalista. Conforme apontado por Singer (1990), esse sistema concentrou riqueza e atividades econômicas em áreas geográficas específicas, resultando em desigualdades sociais e regionais que alimentaram o movimento migratório. Na contemporaneidade, o que se destaca são a intensidade e a complexidade dos movimentos de pessoas entre os territórios, levantando questões fundamentais sobre as raízes estruturais que os alicerçam e suas repercussões na sociedade. Portanto, a questão das migrações internas no século 21 não é algo em evolução nem simplesmente uma tendência moderna na qual os indivíduos se ajustam às conveniências de uma sociedade neoliberal que prega "oportunidades iguais" a todos aqueles que se esforçam para alcançá-las. Essa ideologia que tomou conta do imaginário popular da massa pobre predominante do Brasil é o que Jessé de Souza (2012) chama de "nova classe trabalhadora", que se reconhece socialmente como um batalhador que acredita ser "empresário de si mesmo" e é obrigada a incorporar minimamente as disposições necessárias à sobrevivência produtiva na realidade do novo capitalismo brasileiro, contudo, essa dinâmica nada mais é do que a continuidade da exploração da força de trabalho necessária para o trabalho produtivo e útil no atual mercado competitivo capitalista.

Nos relatos dos paraenses entrevistados que migraram para Florianópolis identificamos indícios desse pensamento enraizado no senso comum. Essas narrativas foram fundamentais para a compreensão dos elementos complexos que envolvem a migração de trabalhadores paraense para o Sul do Brasil. Além de termos identificado questões relacionadas ao preconceito regional, onde essa classe trabalhadora nortista está profundamente vinculada ao contexto do desenvolvimento do Brasil ainda permeado por resquícios de um pensamento colonialista. Indivíduos oriundos de áreas consideradas menos desenvolvidas muitas vezes enfrentam desvalorização e são estigmatizados por visões discriminatórias e ultrapassadas,

mas, paradoxalmente, estes trabalhadores têm preferência nos ambientes laborais, onde são reconhecidos por sua dedicação ao trabalho, como mencionado por uma das migrantes entrevistadas.

PA4: [...] o que falam é que os paraenses são muito trabalhadores, muitas empresas preferem paraenses, porque o paraense vem com garra pra conseguir as coisas, do que já quem vive aqui, que mora aqui e que já tem uma vida mais confortável, já não pega qualquer emprego igual quem chega do Pará, chega querendo qualquer emprego mesmo para se organizar até conseguir um outro bem melhor. Preconceito, assim, tem algumas pessoas que falam que o Norte é só mato, eu falo não, não é só mato, é uma cidade lá! Mas, sempre tem né, sempre tem alguém que fala e a gente nem liga!

Por fim, a realidade apresentada neste trabalho confirma que as disparidades regionais ainda continuam a influenciar fortemente os fenômenos sociais e migratórios na atualidade. Num cenário de grandes mudanças na dinâmica produtiva onde observamos o mundo do trabalho ser influenciado pelas oscilações do mercado internacional, as migrações no século 21 estão redesenhando seus centros e estabelecendo mais regiões onde as pessoas optam por permanecer do que áreas que historicamente atraíam imigrantes por longos períodos, como foi o caso do Sudeste nas últimas cinco décadas. Essas mudanças são reflexos de diversas transformações tanto no cenário econômico global quanto nacional, gerando impactos políticos e econômicos que influenciam a decisão de migrar e, mais recentemente, também afetam a escolha de permanecer ou não na região ou estado para onde se migrou.

Em resumo, é provável que a rotatividade migratória paraense para Florianópolis se torne ainda mais frequente e faça parte de uma nova etapa no processo atual de redistribuição geográfica da população brasileira. Segundo notícia veiculada na página g1¹⁴, o IBGE processará mais dados coletados pelo Censo 2022 para explicar com propriedade o que justifica a dinâmica da população nos últimos 12 anos, onde ao mesmo tempo em que houve uma estagnação em alguns estados e regiões, outros registram um crescimento mais expressivo. Foi o caso do Rio Grande do Sul, que cresceu apenas 1,74% em 12 anos, enquanto a população de

14

<https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2023/06/28/censo-2022-crise-economica-forca-do-agronegocio-e-custo-de-vida-explicam-a-migracao-populacional-no-brasil-segundo-especialistas.ghtml>

Santa Catarina disparou 21,78%. Diante dessa perspectiva, torna-se evidente a necessidade de uma análise mais abrangente neste estudo sobre a intensificação da migração de paraenses para o Sul do Brasil na última década, demandando um período prolongado de pesquisa para abordar todas as suas nuances e especificidades.

Almejo que essas reflexões proporcionem a compreensão de que o surgimento de novos fluxos migratórios internos no Brasil é uma realidade dinâmica e em constante evolução. Compreender os fatores que o influenciam e os impactos que geram é fundamental para a formulação de políticas públicas e a promoção de uma convivência harmoniosa, livre de estereótipos e inclusiva entre migrantes da região Norte e moradores locais.

Ademais, sem pretensão de esgotar a complexidade do problema, anseio que este trabalho possa influenciar e servir como fonte para que no futuro outros discentes se engajem em novas pesquisas e olhares sobre o fenômeno da atual onda migratória paraense para Santa Catarina e o leque de investigações possíveis dentro desse tema, considerando que as interações entre migrações, desigualdade e pobreza são cruciais para o desenvolvimento de políticas eficazes que abordem as raízes desses problemas. Há certamente muito a ser analisado ainda acerca das tendências recentes dos movimentos migratórios internos no país como parte de um processo sócio-histórico e suas vinculações com a dinâmica atual de precarização das condições de vida e de trabalho em regiões mais afetadas pelas turbulentas transformações do mundo capitalista.

REFERÊNCIAS

A fome do Brasil é negra, mulher e vive nas regiões Norte e Nordeste. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2023/08/12/a-fome-do-brasil-e-negra-feminina-e-vive-nas-regioes-norte-e-nordeste.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 13 nov. 2023.

AGÊNCIA CATARINENSE DE NOTÍCIAS. **SC tem a maior geração de empregos do Sul do Brasil nos primeiros meses de 2023.** 31/05/2023. Disponível em: <https://estado.sc.gov.br/noticias/sc-tem-a-maior-geracao-de-empregos-do-sul-do-brasil-nos-primeiros-meses-de-2023/>. Acesso em: 09 nov. 2023.

ALVES, Giovanni. *Dimensões da Reestruturação Produtiva: ensaios de sociologia do trabalho* / Giovanni Alves. 2a edição - Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2007.

ANTUNES, Ricardo. *O Privilégio da servidão*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BAENINGER, Rosana. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2012.

BAENINGER, Rosana. **Deslocamentos populacionais, urbanização e regionalização**. Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Brasília, 1998. Disponível em: <https://www.rebep.org.br/revista/article/view/405>. Acesso em: 07 set. 2023.

BAENINGER, Rosana. **MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL: TENDÊNCIAS PARA O SÉCULO XXI**, Revista NECAT, ano 4, nº 7, jan - jun de 2015. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/revistanecat/article/download/4481/3411>. Acesso em: 06 ago de 2023.

BAENINGER, Rosana. **Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil**. Remhu, Brasília, v. 20, n. 39, p.77-100, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852012000200005&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 05 set. 2018.

BOECHAT, Cássio Arruda. **MOBILIDADE DO TRABALHO NO BRASIL: A recepção da obra de Jean-Paul de Gaudemar e uma perspectiva crítica para os estudos migratórios**. Disponível em: [file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/aleitedebarros,+C%C3%A1ssio+Arruda+Boechat+novo%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Windows%2010/Downloads/aleitedebarros,+C%C3%A1ssio+Arruda+Boechat+novo%20(1).pdf). Acesso em: 02 jun. 2023.

CHAVES, ABP; BEZERRA, AVV.; NASCIMENTO, S. dos SS. **Migração de trabalhadores do Pará para Santa Catarina**. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.], v. 13, pág. e392111335478, 2022. DOI:

10.33448/rsd-v11i13.35478. Disponível em:
<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/35478>. Acesso em: 02 jun. 2023.

Cidades Mais Seguras do Brasil© Anuário 2023. Disponível em:
<https://myside.com.br/cidades-mais-seguras-brasil-anuario-2023.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2023.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. Edição Kindle. Acesso em: 10 out. 2023.

Demografia - **Migrações invertem o sinal/ DADOS IPEA.** Disponível em:
https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1171:reportagens-materias&Itemid=39. Acesso em: 15 out. 2023.

DIEESE. **Setembro: custo da cesta fica menor em 14 capitais.** Disponível em:
<https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2023/202309cestabasica.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2023.

DOL Notícias do Pará, MOVIMENTO MIGRATÓRIO - **Paraenses buscam nova vida em Santa Catarina e relatam desafios.** 30/01/2021. Disponível em:
<https://dol.com.br/noticias/para/637065/paraenses-buscam-nova-vida-em-santa-catarina-e-relatam-desafios?d=1>. Acesso em: 30 de jan. 2023.

FALBO, Ricardo Nery; KELLER, Rene José. Sociedade de risco: avanços e limites da teoria de Ulrich Beck / Risk society: advances and limits of Ulrich Beck's theory. REVISTA QUAESTIO IURIS, [S. l.], v. 8, n. 03, p. 1992–2015, 2015. DOI: 10.12957/rqi.2015.19388. Disponível em:
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/quaestioiuris/article/view/19388>. Acesso em: 2 nov. 2023.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Alfredo José. Migrações Internas: evoluções e desafios. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 15, n. 43, p. 173-184, dez. 2001. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ea/a/HzMFQkWyQ9JL8J6pFctfXXP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2023.

IANNI, O. A questão social. Revista USP, [S. l.], n. 3, p. 145-154, 1989. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i3p145-154. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25490>. Acesso em: 7 nov. 2023.

IANNI, Octavio. A dialética da globalização. In: Teorias da globalização. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

IBGE - AGLOMERADOS SUBNORMAIS. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 02 nov. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)., CENSO 2010. **Amostra - Migração**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/pesquisa/23/24007>. Acesso em: 12 jun. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Censo 2022*. IBGE. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 05 out. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). - Censo Demográfico 2022 - População e domicílios - Primeiros resultados. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102011.pdf>. Acesso em: 25 set. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **População do estado do Pará**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/panorama>. Acesso em 05 de out. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa.html>. Acesso em 05 set. 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101979.pdf>. Acesso em: 14 ago.. 2023.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Dinâmicas da Violência das Regiões Brasileiras: Estado do Pará**. Brasília: IPEA, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/266/dinamicas-da-violencia-das-regioes-brasileiras-estado-do-para>. Acesso em: 22 out. 2023.

KREUTZ, Ineiva Terezinha (2021), “**Migrações internacionais, trabalho e capital: seletividades persistentes e promessas ilusórias do direito à dignidade humana**”. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC.

MAPA DA DESIGUALDADE ENTRE AS CAPITAIS BRASILEIRAS, Programa Cidades Sustentáveis, 2020. Disponível em: <https://www.cidadessustentaveis.org.br/arquivos/link/mapa-das-desigualdades.pdf>. Acesso em: 15 de out. de 2023.

MARTINS, José de Souza. *A sociedade vista do abismo: Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. 4. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

MARTINS, José de Souza, O senso comum e a vida cotidiana. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10(1): 1-8, maio de 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86696/89717>. Acesso em: 22 out. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (orgs.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MIOTO, Beatriz Tamasso, Movimentos migratórios em Santa Catarina no limiar do século XXI. Orientador: Prof. Dr. Lauro Mattei. 2008. (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 11-75, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/122386/Economia293384.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 de jun. de 2023.

MYSIDE. **Ranking das capitais mais seguras do Brasil 2023**. Disponível em: <https://myside.com.br/guia-imoveis/capitais-mais-seguras-brasil>. Acesso em: 14 nov. 2023.

ND+. **Censo mostra que manezinhos já são minoria em Florianópolis**. 28/04/2012. Disponível em: <https://ndmais.com.br/indicadores/censo-mostra-que-manezinhos-ja-sao-minoria-em-florianopolis/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ND+. **Florianópolis abre as portas para realizar os sonhos de nortistas e nordestinos**. 30/03/2019. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/florianopolis-abre-as-portas-para-realizar-os-sonhos-d-e-nortistas-e-nordestinos/>. Acesso em: 15 nov. de 2023.

ND+. **Floripa de todos os povos**. data não informada na página. Disponível em: <https://ndmais.com.br/noticias/floripa-de-todos-os-povos/>. Acesso em: 18 mai. 2023.

NETTO, José Paulo. Uma face contemporânea da barbárie. Revista Novos Rumos, n. 1, v.50. 2013. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/novosrumos/article/view/3436>. Acesso em: 12 set. 2023.

OBSERVATÓRIO PARAENSE DO MERCADO DE TRABALHO (OPAMET). **Região Metropolitana de Belém tem mais de 816 mil pessoas em situação de pobreza**. 29/09/2022. Disponível em: <https://opamet.com.br/wp49/2022/09/29/regiao-metropolitana-de-belem-tem-mais-de-816-mil-pessoas-em-situacao-de-pobreza/>. Acesso em 02 nov. 2023.

OBSERVATÓRIO PARAENSE DO MERCADO DE TRABALHO (OPAMET). **Segundo IBGE, empregados sem carteira assinada chegam ao maior número da série histórica**. 28/02/2023. Disponível em: <https://opamet.com.br/wp49/2023/03/30/segundo-ibge-empregados-sem-carteira-assinada-chegam-ao-maior-numero-da-serie-historica/>. Acesso em 02 nov. 2023.

O CAPITAL: crítica da economia política. Tradução Reginaldo Sant'Anna. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Livro 1, v. 1 e 2.

PARÁ WEB NEWS. **Sem oportunidades no Pará, paraenses migram para Santa Catarina.** 11/10/220.

Disponível em:
<https://parawebnews.com/sem-oportunidades-no-para-paraenses-migram-para-santa-catarina/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – **Características Gerais dos Moradores.** Disponível em:

<https://static.poder360.com.br/2022/07/populacao-ibge-2021-22jul2022.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2023.

Redação Ver-o-fato. **Destino de muitos paraenses, Santa Catarina é destaque na geração de empregos no país.** 20/05/2022.

Disponível em:
<https://ver-o-fato.com.br/destino-de-muitos-paraenses-santa-catarina-e-destaque-na-geracao-de-empregos-no-pais/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SALIM, C. A. **Migrações internas e a necessidade de novos paradigmas.**

Disponível em:
<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/viewFile/609/589>. Acesso em: 15 mar. 2023.

SANTOS, Milton. O Espaço Dividido. 2. ed. São Paulo: edusp, 2004.

SCC NEWS. **Paraenses buscam em Santa Catarina oportunidade de vida melhor.** 28/01/2021.

Disponível em:
<https://scc10.com.br/nosso-scc/scc-news/paraenses-buscam-em-santa-catarina-opor-tunidade-de-vida-melhor/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SINGER, Paul. Economia Política da Urbanização. São Paulo: Brasiliense, 12ª EDIÇÃO, 1990.

SOUZA, Jessé. Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SOUZA, Thiago Leandro de. **Novos caminhos, velha segregação: Florianópolis e a construção de novos espaços de elite.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. Disponível em:
https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772007_34110fe9e4e0411df09820e1b2a514ad.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

TRINDADE, Hiago. **Crise do capital, exército industrial de reserva e precariado no Brasil contemporâneo.** Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 129, p. 225-244,

maio/ago. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0101-6628.106>. Acesso em: 15 jul. 2023.

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista semiestruturada

- 1.** Como era sua vida no Pará, em que trabalhava e o que o/a motivou a vir para Florianópolis?
- 2.** Sobre a violência no estado do Pará, qual sua opinião?
- 3.** Sobre o alto custo de vida em Florianópolis, você acha que o salário pago aqui é melhor e consegue cobrir os gastos com aluguel, alimentação, entre outros? Consegue guardar dinheiro para eventual urgência?
- 4.** O que sente a respeito das diferenças culturais, percebeu algum tipo de discriminação com as pessoas que vem da região Norte?
- 5.** Você cogita voltar para o Pará futuramente?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada Migração da força de trabalho paraense para Florianópolis e sua múltiplas dimensões a ser conduzida pela(o) acadêmica(o) Narah Paula da Silva Soares, sob responsabilidade da Prof^a Dr^a Maria Regina de Ávila Moreira, do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Peça orientação quantas vezes for necessário para esclarecer todas as suas dúvidas. A proposta deste Termo é explicar tudo sobre o estudo e solicitar a sua permissão para participar do mesmo.

O objetivo desta pesquisa é analisar criticamente os determinantes que se impõem sobre o fenômeno da migração paraense para Florianópolis na atual fase capitalista de intensas transformações no mundo do trabalho. Para tanto, 04 serão convidados a participar. Caso você aceite o convite, você participará de uma entrevista com duração de 15-30 minutos, gravada por aplicativo de áudio de celular, meio digital, com aproximadamente 05 questões sobre sua vida em Florianópolis, especialmente sobre questões relacionadas ao trabalho e demais motivações para o deslocamento à Florianópolis a ser realizada em local

previamente estabelecido pelo entrevistado, o mais confortável.

Participar desta pesquisa poderá oferecer **riscos** a você referentes a algum possível constrangimento, cansaço ou aborrecimento ao responder à entrevista. **Caso isso ocorra**, você poderá interromper sua participação sem nenhum problema e a entrevistadora (que é estudante de serviço social) estará apta a oferecer acolhimento imediato ou lhe encaminhar para o serviço de acolhimento psicológico gratuito da UFSC, caso você manifeste desejo. Outro **risco** inerente à pesquisa é a remota possibilidade da quebra do sigilo, mesmo que involuntário e não intencional (por exemplo, perda ou roubo de documentos, computadores, pendrive). Sinta-se **absolutamente à vontade** em deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa e com a certeza de que você não terá qualquer prejuízo. Caso você venha a sofrer qualquer dano ou prejuízo decorrente desta pesquisa, você terá **garantia de indenização**.

Todas as informações colhidas serão analisadas em caráter estritamente científico, os pesquisadores serão os únicos a ter acesso aos dados e tomarão todas as providências necessárias para manter o **sigilo**. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas da área de serviço social e mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, **sem revelar seu nome**, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade. Os dados da sua entrevista serão utilizados apenas para essa pesquisa e ficarão **armazenados por pelo menos cinco anos**, em sala e armário chaveados, de posse da pesquisadora responsável, podendo ser descartadas (deletados e incinerados) posteriormente ou mantidos armazenados em sigilo.

Você não terá despesas pessoais em qualquer fase deste estudo e também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Caso você tenha alguma despesa ou qualquer prejuízo financeiro em decorrência desta pesquisa, você terá garantia de **ressarcimento**.

Por outro lado, embora esta pesquisa não lhe ofereça **benefícios** diretos imediatos, você poderá contribuir para a produção de conhecimento científico com o objetivo disseminar a realidade social no Brasil.

A pesquisadora responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a **Resolução 466/12**, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa. **Dois vias** deste documento estão sendo **rubricadas e assinadas**

por você e pelo pesquisador responsável. Guarde cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

Caso você queira maiores explicações sobre a pesquisa, você poderá entrar em **contato** com a **pesquisadora** Maria Regina de Ávila Moreira, **responsável** por este estudo, através do telefone: 48 9914-0339; do email regina.avila@ufsc.br, ou pessoalmente no Departamento de Serviço Social/UFSC. Em caso de dúvidas ou preocupações quanto aos seus direitos como participante deste estudo, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC pelo telefone (48)3721-6094; e-mail cep.propesq@contato.ufsc.br ou pessoalmente na rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401, bairro Trindade.

Declaração de consentimento

Eu, _____, RG _____, li este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança) e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa intitulada “Migração da força de trabalho paraense para Florianópolis”. Estou ciente que receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por mim e pela pesquisadora responsável. Entendo que ao assinar este documento, não estou abdicando de nenhum de meus direitos legais.

participante da pesquisa

Data

pesquisadora responsável pelo estudo

Data